



REVISTA
TEOSÓFICA
E DE
SCIÊNCIAS
PSÍQUICAS
PUBLICAÇÃO MENSAL
LIVRADA

SUMARIO

- Programa. . . . A Direcção
O Neo-Platonismo
Alexandrino . . João Antunes
(notas de crítica historica)
Sinopse da Teo-
sophia L. Revel
Consultorio de
Questões Teo-
sóficas
O Credo Cristão. . C. W. Leadbeater
Assassinato a dis-
tancia (conto). . H. P. H. Blavatsky
Livros & Revistas

Outras publicações recebidas. Mo-
vimento Teosofico. Em Espanha. Bi-
blioteca de vulgarização teosofica.

LIVRO

«A Teosofia, que as Religiões profligam e Academias adversam é um campo neutro de espiritua-
lismo e de sciencia. Sintetisando a voz clamorosa dos seculos, que é ansia de Verdade e ansia de Ju-
sticia, ela reclama-se o direito de procurar a Verdade, onde ela esteja, cristal de luz divina, ilumina
o Justo e o Belo. Não profliga as Religiões, respeita-as; não adversa as Sciencias; cultiva
sintetisando-as, tenta sentir e explicar Deus, o Universo e o Homem. Isis é um arauto da Te

Portugal — A. M. TEIXEIRA
Praça dos Restauradores, 17-Lisbôa
Brasil — LIVRARIA TEOSÓFICA
Rua Sachet, 30 — Rio de Janeiro

Preço

A SOCIEDADE TEOSOFICA

Presidente: Annie Besant—Vice-Presidente: A. P. Sinnett, Esq.—Secretario: J. R. Aria, Esq.
Tesoureiro: A. Schwarz, Esq.

Órgão mensal da Presidência: *The Theosophist*, Royal 8vo. pp. 10. Rs. 8 (Índia) Post Free
Órgão das regiões não organizadas: *The Adyar Bulletin*, Royal 8vo. pp. 32. Rs. 2 (Índia). Post Free.

Objectivos da S. T.

- 1.º—Formar um núcleo de fraternidade universal, sem distinção de raças, sexos, crenças, nacionalidades, cor ou classe social.
- 2.º—Promover o estudo comparativo das religiões, filosofias e sciencias.
- 3.º—Investigar as leis inexplicadas da Natureza e dinamismo psicologico do homem.

Secções Nacionais

Ha vinte e nove secções nacionais organizadas em todo o mundo. Damos em seguida os nomes dos secretarios gerais das principais secções:

Secções	Secretarios Gerais	Orgãos das Secções
1. America	A. P. Warrington, Esq.—Krotona, Hollywood, Los Angeles, Cal., U. S. A.	<i>The Messenger</i>
2. Ingl. e País de Gales	H. Bailey-Weaver, Esq., LL. B.—19 Tavistock Square, London, W. C.	<i>The Vahan.</i>
3. India	M. R. Ry. Parandu Narayana Sinha—T. S. Benares City, U. P.	<i>Theosophy in India</i>
4. Australia	Dr. J. W. Bean—49 Hunter Street, Sydney, N. S. W.	<i>Theosophy in Australasia</i>
5. Scandinavia	Erik Cronvall, Esq.—Ostermalmstgatan 75, Stockholm, Sweden	<i>Teosofisk Tidskrift</i>
6. Nova Zelandia	J. R. Thomson, Esq.—31 Queen Street, Auckland	<i>Theosophy in New Zealand</i>
7. Hollanda	Miss C. W. Dykgraaf—Amsteldijk 76, Amsterdam	<i>De Theosofische Beweging</i>
8. Franca	Monsieur Charles Blech—4 Square Rapp, Paris VII	<i>Bulletin Theosophique</i>
9. Italia	Signor Emilio Torino—Vilino Fadda, 7 Via Antonio Musa, Roma	<i>Bollettino della Società Teosofica Italiana</i>
10. Cuba	Señor Don Rafael de Albear—Apartado 265, Havana	<i>Revista Teosofica</i>
11. Finlandia	Dr. Willie Angervo—Ågellby	<i>Viestak Teosofi</i>
12. Russia	Mme. A. Kamensky—Ivanovskaya 22, Petrogrado	<i>The Seeker</i>
13. Africa do Sul	Miss M. L. Nuchie, 748 Ridge Road, Montpelier, Durban, Natal	<i>Theosophy in Scotland</i>
14. Escocia	D. Graham Pole, Esq.—28 Great King Street, Edinburgh	<i>La Revue Theosophique Belge</i>
15. Suica	Mlle. H. Stephani—3 Cours des Bastins, Genova	<i>Thesofie in Ned. Indie</i>
16. Belgica	Gaston Polak, Esq.—112 Avenue de la Toison d'Or, Bruxelles	<i>The Message of Theosophy</i>
17. India Holandesa	D. van Hinloopen Lubberton, Esq.—19 Museumweg, Buitenzorg, Java	<i>Norsk Teosofisk Journal</i>
18. Burma	A. Vergahe, Esq.—Maitreya Lodge, Thingangyun, Rangoon	<i>The Papyrus</i>
19. Norway	Miss Eva Blyt—Thomas Hefyesgt, 51 H. Kristiania, Norway	<i>O Theosophista</i>
20. Egypto	Egizio Veronesi, Esq.—13 Sharia-el-Maghaby, P. O. Box 51, Cairo, Egypto	
21. Dinamarca e Islandia	Condessa Bille Brahe Selby, Steensgaard, Fyen, Dinamarca	
22. Irlanda	P. Leslie Pielou, Esq.—Annandale, Sandford Road, Dublin, Irlanda	
23. Brasil	Majior Raimundo P. Seidl, R. General Bruce, 112. Rio de Janeiro	

Agentes Presidenciais nas regiões sem organização teosofica

Sul-America — Señor José Melian, c/o Dr. F. Vallas Vargas, Calle Moreno No. 833. Buenos Aires. *La Verdad*, Espanha — Señor Don Eugenio S. Gonzalo, Jucan 6, Madrid

Lojas e Centros Teosoficos do Brasil

Amazonas: Loja Jesus da Nazareth (Presidente, Gastão de Castro, rua Luiz Antony 65, Manaus); **Pará:** Centro de estudos (Presidente, Estevam Botelho, Av. João Alfredo 49, Belem); **Maranhão:** Loja Paz (Presidente, Raimundo Corrêa de Araújo, rua da Injeita 5, S. Luiz); **Piauí:** Centro de Estudos (Presidente, Dr. F. de Moraes Corrêa, Parnaíba); **Pernambuco:** Centro de Estudos (Presidente, Raul Duarte Ribeiro, Travessa Madre de Deus 11, Recife); **Bahia:** Loja Alcione (Presidente, Engenheiro Americo Simas, rua da Montanha 110, S. Salvador); Centro de Estudos (Presidente, Dr. Juvenal da Silva Pinto, cidade de Barreiras); **Espirito Santo:** Centro de Estudos (Annie Besant, Presidente, Norberto Babiense, rua Cleto Nunes 41, Victoria); **Rio de Janeiro:** Loja Perseverança (Presidente, Coronel J. J. Firmino, rua Sachet 39, 11); Loja Pythagoras (Presidente, Dr. Juvenal Mesquita Meirelles 74); Loja Orfeo (Presidente, Dr. Abel Waldeck, rua Sachet 39, 11); **S. Paulo:** Loja Albor (Presidente, Guido Gnocchi, Praça José Bonifácio n. 5, Santos); Loja Arjuna (Presidente, Luiz Nicolau Greco, praça Mauá 5, Santos); Loja S. Paulo (Presidente, Bento Barreto, rua Querino Andrade 21, S. Paulo); **Paraná:** Loja Nova Kretona (Presidente, D. Elisa Monguiel, rua 15 de Novembro 55, Curitiba); **Rio Grande do Sul:** Loja Jehoshua (Presidente, Paulico Diamico, rua Jeronymo Coelho, 1, Porto Alegre); Loja Lotus Branco (Presidente, Fernillo Polthmann, Cachoeira); **Minas Gerais:** Nucleo Fraternidade (Presidente, D. Albertina de Toledo, Cidade do Araxá); Grupo Juventes do Instituto Brasil (Presidente, Josebenito, Araxá); Grupo João Baptista (Presidente, Capitão Pacifico da Silva).

Todas as informações devem ser solicitadas ao Secretario Geral da Sociedade Teosofica, Adyar, Madrastra, India Inglesa, ou a qualquer dos citados Secretarios Gerais ou Agentes Presidenciais.

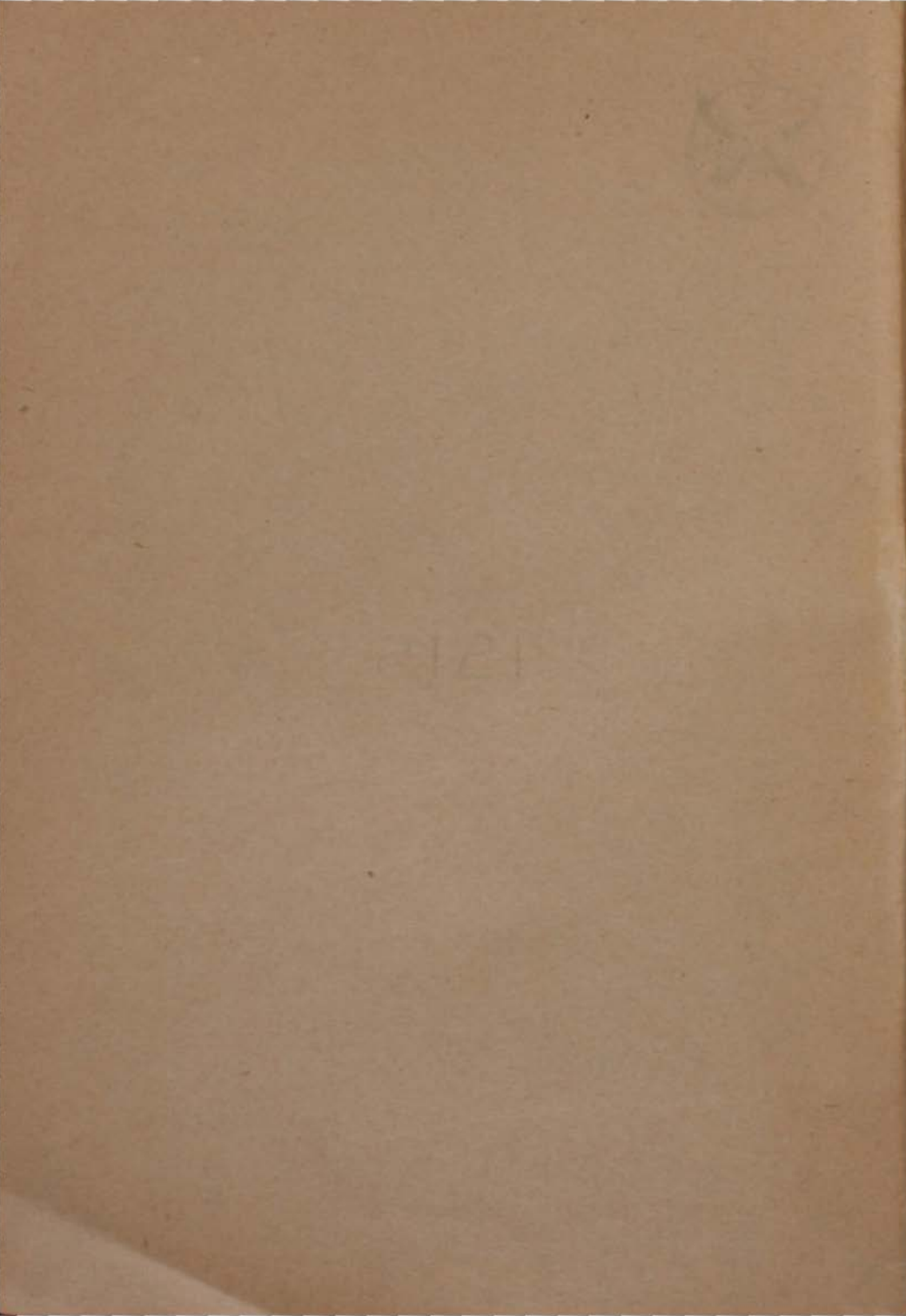
Em Portugal, Ilhas Adjacentes e Colonias pode toda a correspondencia ser dirigida, com estampilha para a resposta, ao Director da *Isis*.

Casas editoras de livros teosoficos: Portugal, A. M. Teixeira, Praça dos Restauradores, 17, Lisboa—Brasil, Livraria Teosofica, Rua Sachet 39, Rio de Janeiro—India, Theosophical Publishing House, Adyar, Madrastra—Inglaterra, 6, Tavistock Square, Londres, W. C.—França, Square Rapp 4, Paris—Espanha, Biblioteca Teosofista, 14, Calle Princess, Barcelona—Liberia, Mesonero Romano, 10, Madrid—Italia, Libreria Editrice Regia Casella postale 556, Milano—Republica Argentina, Libreria Teosofica de Nicolas B. Kier, Suipacha, Buenos Aires, etc., etc.

Revista *Isis* encarega-se de comprar e remeter sem aumento de preço todas as publicações teosoficas e estrangeiras. E' indispensavel mandar pelo menos 50% do importe total, na ocasião do pedido.



ISIS



ISIS

REVISTA DE QUESTÕES TEOSÓFICAS
E DE CIÊNCIAS ESPIRITUALISTAS::

VOL. I



TIPOGRAFIA —————
CORRÊA & RAPOZO, LIMITADA
210, RUA AUREA, 214—LISBOA

ISIS

REVISTA DE QUESTÕES TEOSÓFICAS E DE CIÊNCIAS ESPIRITUALISTAS

DIRECTOR JOÃO ANTUNES

COLABORADORES:

Leonardo Coimbra, *lente da Universidade do Porto.*

Teixeira Rego, *lente da Universidade do Porto.*

Angelo Ribeiro, *professor de ensino secundário.*

Raimundo Pinto Seidl, *secretário geral da secção-brasileira da Soc. Teosófica.*

Esteves da Fonseca, *médico dos Hospitais Cíveis.*

Oscar Garção e Cibrão, *tenente-coronel de artilharia*

A. R. Silva Junior, *arquitecto.*

D. Maria O'Neill, *publicista.*

Cesar Porto, *publicista.*

Fernando de Azevedo e Castro, *professor.*

Artur do Nascimento Nunes, *2.º secretário da Acad. de Sciencias de Portugal.*

Dr. Joseph Ferrua, *professor de Fisiopsicologia em Londres, G. M. da O. R. dos R. C., Jean Bricaud, G. M. da O. M.*

Juan de Nogaes, *publicista e redactor da Revue Contemporaine.*

Angelo Marzoratti, *director da Revista «Luce e Ombra», etc.*

Alph. Suir, *do Instituto de Coimbra. Vajra, da Society for Psychical Research.*

Arcturus, *da Academia de Sciencias de Portugal.*

etc., etc., etc.

ISIS

Publicará constantemente as mais oportunas e selectas obras de Mrs. Annie Besant, de C. W. Leadbeater, de Jinarajadasa e de outros mentores do pensamento teosofico, tentando, mediante resenhas bibliograficas, syntheses de Revistas estrangeiras e acurados estudos, constituir um dos melhores repositórios actuais de filosofia esoterica e de espiritualismo scientifico.

Anda o Homem num sonho milenar arrostando o Infinito e enfrentando o Misterio. E, lendario Ashaverus dos seculos, judeu errante em busca de um caminho parou um dia em Gizeh, perante a Esfinge Antiga. Velho Oedipus a quem o pavor não oprimia o peito, interrogou o colosso. Mas a Esfinge, serena e altiva, não desfi-tára o olhar da linha do horizonte, encurvada, infinita. Era a antitesse da velha len-da helenica. E por isso a Esfinge ficou e o caminhaeiro dos seculos seguiu o seu ca-minho no fastigio policromado das civilizações já extintas, na furia da mecanica, no progresso, tanto veu illusorio, de hoje, arrastando as caligas empoeiradas dos secu-los pelos invios fragoedos da duvida e pelas brilhantes seduções da illusão.

Porque era o Homem!

A Esfinge ficára sempre, na mesma posição altiva, garras escondidas, olhar em frente, ouvindo o rugir do simum das multidões na continua dobradoira dos seculos e o revoltear da grande planicie arida, cheia de miragens. Aos flancos, desafiando o espaço e desafiando o tempo, as Piramides alongam o silencio, esmagam no seu peso antigo a terra dos Faraós, onde Hermes pontificou um dia. E ruinas de tem-plos, espelhadas airoosamente na fita silente do Nilo, colossos ciclopicos, sentados e gigantes, guardando quanto resta de velhos tempos idos, é tudo quanto, erguido, atesta que no antigo pais de Kemi, uma civilização extinta e enorme assentou ar-raiaes um dia e foi grande e foi gigante.

Mas num Oriente distante outras civilizações a precederam de seculos. E des-se Oriente misterioso e antigo, em vagas ondeantes e ciclicas, o eco doutras civi-lizações flectira para terras de sol poente, a sua luz brilhante. Grecia e Roma fo-ram os ultimos arautos dessa obumbrada, para nós, civilização vetusta.

A derrocada fôra inclemente e fragorosa. Os seculos não perdoam. Vieram os barbaros e a meia-idade. Daquele cadinho de mil anos, rubro de violencias e de fulgurações frementes, surgiu a Renascença. O neo-platonismo foi uma tentativa va-ga e sonhadora. O velho mundo não renascia senão nas artes, senão nas letras. A sua filosofia, os seus Misterios, a construção milenaria e grandiosa dos seus siste-mas, tudo isso cedeu logar ao mundo novo, que nautas italos, lusos e hispanos, des-ventravam do seio diademado da Afrodite dos mares. A consciencia metalizára-se com o triunfo da burguezia; os anatemas da Igreja fizeram o resto.

Mas os seculos não perdoam. E, num dia que não vai distante, um grito da consciencia, cheio de espiritualidade e audacia reclamou a justiça, a realidade de alguma cousa de maior. A Enciclopedia, negando, rasoírá tudo. Era, alfim, o triunfo da materia. E como Fenix, constante em renascer das cinzas, a velha Filosofia do Espirito começou a renascer aos poucos.

Como se isto não fôra tudo coligaram-se sabios do mundo inteiro, dando-se as mãos fraternas nessa cruzada da Terra Santa. Sincretizando tudo, Civilizações e Filosofia, Religiões e Sciencias, vendo Isis a abrir-se, a dar-se como fonte de cristalinas aguas, a Teosofia foi, serena e erecta, ao encontro do velho caminheiro, a um tempo Oedipus e Ashaverus, o Homem, sem imposições dogmaticas, sem preferencias de castas, sem profligações de seita e disse-lhe:

Tenta formar da humanidade um grande nucleo fraterno.

Estuda e coteja as Civilizações, as Sciencias e as Religiões Antigas e Modernas.

Estuda o dinamismo do teu espirito, os poderes latentes em ti, Homem, Microcosmos, Sintese virtual do Universo e atingirás a Verdade.

Conhece-te a a ti mesmo e conhecerás os deuses e o Homem.

*
* *

A Revista de Questões Teosóficas e Sciencias Espiritualistas *Isis* será um arauto e uma tribuna deste criterio.

Desconhece a luta de facções, tem por lema: «Não ha Religião superior á Verdade».

Não adversa formas politicas nem religiosas nem as defende; as primeiras, ignora-as em absoluto, as segundas, respeita-as, na certeza de que a luz branca é a sintese das cores do espectro luminoso.

Não impõe dogmas nem os aceita. Estudará, investigará as leis, os documentos, os factos, versará elevadamente os mais intensos problemas de Filosofia, de Religião, de Historia, de Cosmogenese, de Antropologia, de Espiritualismo, sem ideias preconcebidas, buscando numa palavra a Verdade, onde Ela possivelmente se encontre, ainda obumbrada pelo veu partenico, airoso de Isis, a Misteriosa e Antiga, bela como a rutilacão calma do sublime, fecunda e virgem como a cristallizacão sideral da justiça.

Este, o programa da *Isis*.

Paz a todos os seres.

A Direcção



O NEO-PLATONISMO ALEXANDRINO

(Notas de Crítica Histórica)

O Cristianismo foi, insofismavelmente, a floração mais vitoriosa e fecunda do pensamento ariano religioso e latino. (1) Esta afirmação implica o corolário seguinte:

O Cristianismo era a forma religiosa mais adaptável à psicologia brotante desse amálgama étnico, que absorveu a civilização e o pensamento latino. Oriundas de heterogêneas fontes, as vagas humanas que, aos poucos ou tumultuariamente, violentaram as fronteiras, oscilantes sempre, do Império romano da decadência, caíram, quasi todas, na vertigem sedenta de abutres sobre a presa descuidada dos séculos.

Povos de regiões nórdicas ou das selvas umbrosas do oriente, o clima continental, e o sol criador do sul, o contacto com os superstites romanos cultos e a visão doirada de mil construções airozas, amoldou-lhes o temperamento e a aresta feroz do seu génio feriu-se nos restos adamantinos da alma italiana. Foi ainda o sol cristão que lhes iluminou as almas umbradas e violentas de ignorância. Enfrentou-os a igreja salvando do estridor da demolição restos, que atestam a grandeza viril e criadora dos povos, que lhe cederam passo. (2)

A cultura heleno-latina, no grande tumultuar medievico, refez-se. Aqueles mil anos ourados de pavor sinistro foram o crisol violento, o cadinho rubro, que homogeneizou almas dispares e determinou a floração ingente da Renascença, que al não foi que o repetir-se do génio antigo, na grande espiral do Progresso. Simplesmente, e apesar das tentativas discordes, aquele renascer classico do século XVI vinha pujantemente vincado daquela «empreinte», que o edito

(1) O problema da influencia do povo arico tem sido abordado de opostos campos. Apesar de negado nos seus fundamentos scientificos (R. Hartman *Die Nigritier*, G. Mortillet *Bulletin de la Société d'anthropologie* Virchow *Correspondenzblatt*) tem de considerar-se à luz de um autentico criterio historico, após os estudos concludentes de F. Schlegel, de Rhode, de Augusto Pott, de Eichhoff, de Kuhn, de Picet, de Rask, etc. etc.

Entre outros o Conde de Lafont diz que o povo arico foi o povo-origem do Cristianismo primitivo. Aventa mesmo a ideia de Jesus ter sido um missionario budista. Não nos referimos ao contributo de Jacolliot e outros orientalistas. Lafont diz: «J'espère pouvoir démontrer, à l'aide de nombreux documents, qui, pris isolément, n'auraient peut-être pas grand poids mais qui, réunis en faisceau, constituent une présomption sérieuse, que la population de Galilée, où naquit Jésus, était de race aryenne et non pas sémitique. Je ne borne pas cette étude à vouloir démontrer que les Galiléens étaient des Aryas, mon but est plus vaste. Ce sont les origines aryennes du Christianisme que je desire étudier et sur ce terrain, il me sera facile de faire la preuve que la plupart des Doctrines, des Dogmes, des Croyances et des Rites du Christianisme ont leur source dans les religions aryennes de l'antiquité.»

C. de Lafont *Les Aryas de Galilée et les origines aryennes du Christianisme*, Paris, 1902.

(2) A acção civilizadora do Cristianismo nesse periodo remoto das invasões barbaras é facto incontrouverso. Cf. Frémont *Les Principes*, G. Khuri *L'Eglise aux tournants de l'Histoire*.

de Milão lhe imprimira num dia propício e fasto; O Renascimento era cristão. (5) Compreende-se o facto.

O Ocidente fora abandonado após a criação bisantina de Constantinopla. Isto mesmo justifica as *Falsas Decretais de Isidoro Hispalatense* e a *Doação de Constantino*. Triunfante o bispo de Roma centraliza e coordena a par do poder espiritual, a clava ingente dos direitos políticos, apesar da defesa secular de outras igrejas, até à plena sistematização jurídica de Inocencio III e de outros pontífices romanos. (4) Antes, muito antes, a profligação das chamadas heresias e a sua literatura fôra tenaz, constante, plena. (5) O exoterismo grego-romano era tão falaz como as teologias germano-slavas. A conversão dos magnates e dos reis e o prestígio do numerário e da cultura dos homens da Igreja fizeram o resto com a subserviência feudal e a ignorância atávica das multidões. Tivesse Constantino preferido o Mitraísmo talvez o mesmo se desse. (6) As filosofias são resultantes de cultura elevada e antiga nunca produto de vulgarização apologetica. Duns Scotto e Tomás de Aquino fizeram o resto sistematizando a religião na filosofia, realizando a dentro do Cristianismo o que filósofos ibéricos tentaram a dentro do Maometismo. Modernizaram Aristoteles. Aqui como quasi sempre ainda era o Mundo Antigo a iluminar de longe, facho de luz brilhante, o Mundo Moderno, que surgia airoso. (7)

Constantino foi, sem duvida, a causa material dessa direcção do espirito humano.

O espirito neo-platonico alexandrino ou ateniense persistia ainda no seu triplice aspecto: cristão, judaico e pagão. A virulência das profligações deixaram-no, um tempo, esmagado ou reduzido ao secretismo dos sistemas perseguidos.

Os três primeiros seculos da Era Vulgar foram fecundos em oscilações religiosas. Em torno de Jesus, a figura culminante e augusta do Cristianismo, as opiniões divergem logo nos primeiros tempos, desde os livros dos hebreus até a apreciação do criterio hipostatico, a quando do inicio da sistematização cristologica. São silentes documentos coevos, de monta; ha-os duvidosos ou nitidamente apocrifos. A propria localização de Jesus, no tempo, da sua

(5) Cf. Dr. M. Gonçalves Cerejeira: O Renascimento em Portugal. *Clenardo*. Coimbra. 1918. Petit de Julville *Renaissance*. Dizemos no texto: « O Renascimento era cristão. De facto, o que não quer dizer que não surdissem manifestações filosoficas de caracter pagão, politeistas, mesmo. Alguns exemplos: João Joviano Pontano funda em Napoles o *Portico Antoniano* mais conhecido pelo nome de *Academia di Pontano*, cujos estatutos eram semelhantes aos da Academia anti-cristã de Roma. Muitos humanistas afiliados a agrupamentos secretos mudavam de nome *afim de se debatarem*. Pleton Gemista, aliás Jorge Gemista é outro exemplo frisante. Pertencia a uma loja iniciatica onde foi introduzido por um hebreu Kabalista de Andrinopla, de nome Eliseu, que foi queimado vivo. A este grupo pertenciam Argiropulo e Caritonimo, que na opinião de Fabricius, foi um dos mais antigos professores de lingua grega, em França. Ocorre-nos o nome de Marcelo Ficino, de Cosme de Medicis, de Leonardo de Vinci, todos eles, quando menos, neo-platonicos. Pleton profetizava a ruina do Cristianismo e o readvento de um politeismo elevado e filosofico. Era o mesmo sentir antigo adverso ao Cristianismo. O eminente academico C. Alexandre convem em que « la haine du Christianisme est le caractère dominant du Néo-Platonisme. Cette école encourage la persécution sous les derniers empereurs romains, triomphe un moment sous Julien et continue ses attaques jusqu'au temps de Justinien, qui les fit cesser malheureusement par des mesures de rigueur. Elle s'éteignit alors dans l'exile et le silence. Au Moyen Age, le seul qui remua ses cendres, Psellus, l'ancien, fut obligé, dit-on, de composer un poème pour se justifier du reproche de Paganisme. Elle renait, au XV siècle, avec Pléthon et nous voyons sous quelle forme. Cette fois, elle n'essaye plus se déguiser: C'est la restauration du Polythéisme: ce sont les anciens dieux, avec leurs noms et leurs attributs, affublés seulement du manteau d'une philosophie qu'on croyait morte venant redemander leurs temples, leurs autels et leur cult. » Pléthon Gemiste. *Traité des Lois*. Texte revu par C. Alexandre. Membre de l'Institut et A. Pellissier Agrégé de Philosophie. Paris. 1898.

(4) António Pereira de Figueiredo *Analyse da Profissão de Fé do Santo Padre Pio IV. A Tentativa Theologica e A Luchaire Inocence III. Les Roisautés passalles du Saint Siège*. Paris. Hachette.

(6) E. Renan. *L'Eglise Chrétienne*.

(7) Dr. Teófilo Braga no Prefacio ao *Mitraismo*, do Prof. Almeida Paiva. Lisboa. 1916.

(7) Cf. Selemoh ben Gebrol ben Jehudah. *Liber Fontis cite de prima parte sapientie, id est, sciencia de materia et forma universalis*. Traduzido no sec. XII por Juan Hispano e Domingo Gonzalez, do arabe ao latim. V. a versão castelhana com erudito prefacio de Frederico de Castro y Fernandez. *Ibn-Gebrol. La Fuente de la vida*.

origem étnica, da genese da sua missão, são pontos problematicos. O mesmo dos Evangelhos. (8) A historicidade documentaria de Jesus é quasi tão nebulosa como a de Apolonio de Tiana; o que, de resto, não infirma a tésa da sua existência histórica, trazida á discussão ulteriormente e scientíficamente com a questão do Santo-Sudario de Turim. (9)

Naquelle recanto da Judea, o nome de Jesus começára a circular nimbado de amorosa luz. Chagados d'alma, ruidos de lepra, os cegos e alucinados sentiam á sua volta o ar carinhoso do Mestre e seu alívio. A sua palavra era a Palavra da Vida Eterna. Nunca o viram sorrir. A alma serena e justa irradiava-lhe do olhar de bondade e santo. Ensinava uma doutrina de paz a meio de uma geração odienta; pregava a pureza de sentimento por entre um cemitério vivo de sepulcros dealbados. Exemplificava o bem perdoando o mal, sendo arrependimento, o amor. Um dia o Profeta apparecera assim puro como os lírios da montanha, beijado pelo orvalho matutino, acalentado na doçura do sol poente.

Os escribas e fariseus rondaram de perto o perturbador dos seus injustos privilégios. Havia a solução da delação e o pretor da Judea condeno-o como barbaro.

A semente, porem, fora lançada num germinal fecundo. A consciencia cristã formara-se na colina tragica do Golgota donde irradiaria aos quatro cantos do mundo.

Porem, os tres primeiros seculos da Era Vulgar foram fecundos em oscilações religiosas.



A palavra de Cristo começára a serpentear pelo mundo, rojando-se a começo, tonando, alfin no cimo do Capitolio. Era o inicio da luta e a luta tinha fundibularios gigantes. (10)

Hoje tem um aspecto diferente. Sistematizando a filosofia cristã debatem-se os problemas á luz da historia. Discute-se se Cristo existiu, (E. Bossi), se era um crivado do morbo ancestral dos grandes epileticos, (B. Sanglè). Qual a origem da Trindade; se vem do paganismo ou é platonica. Se Cristo era essenio e qual a origem dos Evangelhos. O Cristianismo, o Estoicismo e o Mazdeismo. Se o Cristianismo tem uma origem bramanica. E', como se vê, uma estratégia inteira desenvolvida em torno, fóra, de um baluarte antigo.

(8) C. Leadbeater apresenta uma outra hipótese: «A biblia cristã não deve evidentemente ser tomada á letra pois que um grande numero das suas asserções são simbolicas ou falsas. Se, por exemplo se examina, á luz da clarividencia, a vida do fundador do Cristianismo, não se descobre indício algum dos doze apóstolos e parece mesmo que eles não existiram, enquanto homens, mas foram introduzidos na historia por qualquer motivo, talvez para simbolizarem os doze signos do zodiaco.

O Discipulo Jesus, cujo corpo foi aproveitado pelo Cristo, não era um filho ilegítimo, como o deixa entrever o Evangelho nem seu pai era carapinteiro, de facto, Jesus pertencia á mais elevada aristocracia dos judeus e era de linhagem real. E' muito possivel que ele tivesse algum resto de sangue ariano e isso bastaria para fazer dizer aos judeus exclusivistas que ele não pertencia legitimamente á estirpe de David.

Seja como for, a verdade é que os quatro Evangelhos nunca se destinaram a serem considerados num sentido historico. Todos eles saíram dum texto muito mais curto, escrito em hebreu por um monge, de nome Mathaeus, que vivia no deserto, num mosteiro da Palestina. Parece que este monge concebeu o projecto de descrever em forma de contos, alguns grandes feitos relativos ás iniciações acrescentando-lhe alguns episodios da vida do Jesus real que nasceu no ano 105 antes da era vulgar e também alguns da vida dum outro pregador, fanatico, obscuro, que fora condenado á morte e executado em Jerusalem, aos 30 anos depois da era vulgar...

C. W. Leadbeater *Adyar Talks Cf. Did Jesus Live 100 Years B. C. ?* por G. R. S. Mead.

(9) *Voltaire Dictionnaire Philosophique*, s. v. *Christianisme* e *Messie*. A. Loisy *Autour d'un petit livre*. Harnack *L'Essence du Christianisme*. Hettlinger, *Apologetica*. S. Reinach *Orpheus*. Mead *Apollonius de Thiane*. João Antunes *As Origens Historicas do Cristianismo* e o *Racionalismo Contemporaneo*. D. Battaini *La pretesa essenza del Cristianesimo dell'Harnack*. Vignon *Le Lincol du Crist*, etc.

(10) «Il y eut aussi une littérature hostile au Christianisme; mais elle a péri presque toute entière. Pourtant on a pu reconstituer le *Discours véritable* du philosophe Celse (vers 170), d'après la longue réfutation qu'en a fait Origène, et une partie du traité de l'empereur Julien contre les chrétiens, grâce à la diatribe qu'il a inspiré a Saint Cyrille (24 444).»

S. Reinach *Orpheus cap. Les Hérésies*.

Então, a luta era nos próprios arraiais. Quasi todos os dissídios se referiam á personalidade divina ou humana de Jesus, o Cristo ou Messias.

E os dissidentes, seguindo velhas tradições, ou amalgamando-as com as do Cristianismo nascente, obsidiados na sua alucinação de crenças chegaram a cair, heroicos, a meio das perseguições. Muitos deram origem ao velho legendário agiografico. Eram os gimnosofistas, Hilarion, os maniqueus, Bardes, os hernianos, os priscilianistas, os origenistas, Basilides, os elque-saitas, os carpocratianos, os marcosianos, os messalianos, os paternianos, os montanistas, os arconticos, os taciarianos, os valesianos, os valentinianos, setianianos, teodocianos, os monofisitas, os merintios, os apolinaristas, marcosianos, encratitas, ebionitas, multidões quasi acefalas, tumultuarias, não falando em vultos de perfil violento como Simão, o Mago, Apolônio de Tiana, Manés, Ario, Nestorio, Paulo de Samosata, Tertuliano, nos gnosticos, em Donato, Pelágio, etc., etc., que marcaram indelevelmente seu nome na historia dos martyres do pensamento.

O Cristianismo expandiu-se com facilidade relativa, que o occidente, sedento de claridade, ansiava por uma fonte de luz por mais extranha que a sua origem fosse, apesar das perseguições imperiaes, tão exageradas, de resto. (1) Mas essa expansão teve energicos contrarios. Celso era homem de erudição vasta, a tentativa de Juliano não foi um facço isolado, pessoal, foi o sentir de uma corrente de opinião culta. Os neo-platonicos, tradicionalistas teurgos definiram bem a sua attitude teista-pagã.

O neo-platonismo alexandrino foi abertamente tradicionalista. Este facto não extranha. Nihil novi sub sole. O proprio Platão foi um filosofo sincretista. Simplesmente passou atravez do seu temperamento ciclopico de filosofo idealista, personalizando-as, helenizando-as, as tradições vetustas de longas eras, de remotas gentes.

«A religião, diz Cousin, deixava-se explorar pela razão e pela experiência que se serviam das suas tradições e nela bebiam com respeito e independencia. Platão é um filosofo que, segundo a escola de Pitagoras em vez de se escravizar á tradição, serve-se dela como de uma fôrma para as suas ideias. Foi dela que deduziu a demonstração da immortalidade da alma pela sua actividade essencial. O seu pronunciado desprezo pelos livros, o seu apelo a uma tradição dos antigos; dos antigos, que, só eles, sabem a verdade, ao Egito, aos sacerdotes de Dodona, a comparação da simplicidade antiga com a frivolidade moderna, provam incontestavelmente um retorno para o passado e atestam no Fedra uma côr pitagorica, mistica e oriental. O espirito etico desenvolve-se aí e originalmente sobre a base do pitagorismo e das tradições estrangeiras. Ainda mais uma vez as tradições do Oriente, as dos Pitagoricos, pela sua antiguidade, a sua fama de sabedoria, o seu caracter religioso, as verdades profundas, que continham serviam de base ás concepções de Platão, eram, por assim dizer, o tecido do seu pensamento. (Platon, trad. Cousin, VI, notas sobre a Phèdre).

Acrescente-se que Platão recebeu de Arquitas, toda a tradição pitagorica; que o filosofo da Academia, parece copiar a Biblia e os Profetas. (Saisset. Revue des Deux Mondes. 15 de Março de 1845.

Isto que não é para extranhar é de grande alcance na génese do pensamento filosofico de Aristocles, conhecido na Historia pelo nome eterno de Platão. O fundador da Academia esteve três ou treze anos no Egito, onde estudou sob a direcção de Schenuphis, de Heliapolis e teria visitado então a Caldeia e a Persia, se as guerras o não impedissem. Foi no seu regresso á Grécia, que ele compôs os Dialogos. No Egito devia Platão relacionar-se com o sistema filosofico-religioso dos hebreus. O povo hebreu se não foi formado pelas tribus nomadas, semitas, pela acção de Hosarsiph (o Moisés bíblico da tradição hebreo-filonica) (2) ou um resto afastado

(1) «Les dix persécutions qu'allèguent les historiens du christianisme sont une fiction (les persécutions jusqu'à Decius, furent locales et surtout intermittentes; il y en eut beaucoup plus de dix), et Dodwell, au XVI. siècle, a déjà fait justice des légendes, qui exagèrent le nombre des martyrs.» S. Reinach Orpheus. Cf. Renan. Vide, no entanto, a literatura patristica e contemporanea, contraria, abundante e eruditamente citada na Apologetica de F. Hettinger, tradução do Dr. Luiz Maria da Silva Ramos. Porto. 1890.

(2) E. Schourc Les Grands Initiés.

e disperso de parias indús (1), esteve em contacto com os egípcios no tempo de Ramsés II. (Abraão, Moisés, José), quando assim não fosse esse contacto existia depois de Salmanazar, do profetismo de Jeremias, de Daniel, de Saraías, de Baruch, de Ezequiel. Com os egípcios fazem aliança os hebreus. A acção semita de punicos, hebreus e cartaginenses, foi extremamente vasta no mundo inteiro para que se não admita como evidência que Platão conheceu as suas tradições religiosas e as não assimilou.

Mais ainda. O proprio Platão reconhece no *Epinomes*, que boa parte dos seus conhecimentos ácerca dos deuses, o deve a um *barbaro*, a um Caldeu. E se é certo que H. Martin declara apócrifo o *Epinomes*, atribuindo-o a Filipe de Opono, Cousin afirma que esta obra, pelo menos, reproduz o ensinamento oral do Mestre. Voltaremos ao assunto, documentariamente. Ha, de resto, mais factos paralelos. O pensamento humano evolue, asintota da Verdade Integral, constante e lentamente. De tempo a tempo, espiritos formidáveis de elite, assimilam espontaneamente, originalmente, o labor extraordinario dos seculos. E' ver os grandes genios, as grandes obras, os grandes monumentos. A teologia orfica teve origens indús. Deduzem-se da *Visão de Markandeya*, tal como é contada nos *Mahabarata* e no *Harivansa*. Os *Versos Dourados de Pitagorás* andaram dispersos em rolos bramanicos, mazdeístas e budistas. Nos mesmos *Mahabarata* se leem episodios da *Iliada* e da *Odisseia* e de tal maneira que os legados gregos enviados ao rei Magada por Seleuco Nicator julgavam ouvir poemas de Homero ouvindo ler versões do *Mahabarata*. O proprio livro VI da *Eneida* não recorda, aos que sabem, os *Misterios de Eleusis*, a iniciação bramanica e os *Upanishads*? De Ribbu, o hierofante sacro dos indus se conta episodio igual ao de Orfeu e Euridice.

Ainda mais uma vez aquilo de Salomão: *Nihil novi sub sole*.

O Neo-Platonismo Alexandrino foi já assunto de obras, aparentemente, exaustivas. Aparentemente. Ou o teem encarado sob o ponto de vista meramente cristão, ou hebreu ou pagão. Escritores houve e de prosapia ilustre na republica das letras que em pouca monta tiveram essa floração ingente de talento, que, seculos após, iluminou ainda a Meia-Idade, a aurora e os fulgores rutilos da Renascença, o proprio pensamento moderno. Foi, um tempo, Alexandria, o centro intelectual do mundo culto do Ocidente. De toda a parte, já no tempo do filho de Filipe, vinham sábios, que se destacaram em posição marcante em Alexandria, motivando a formidável Biblioteca e o extranho centro de cultura, que foi Alexandria. Compreende-se, pois, como o Neo-Platonismo foi uma escola, um sistema, uma filosofia extremamente sincretista. As infiltrações orientais afirmam-se, de longa data; a seguir vem com a influencia judeo-alexandrina toda a filosofia escrita e kabalista dos hebreus, notavel na pujança de Filon. Segue-se ainda o aspecto cristão e a tentativa conservantista do concordismo pagão. E' o periodo intenso da luta que se reflecte na meia-idade e no Renascimento.

São as afirmações da primitividade cristã em via incerta de sistematização, os gnosticos, Saturnino, Basilides, Valentino, S. Clemente, e Origenes, Potamon, Ammonius Saccas e Plotino e Jamblico no periodo do vertiginismo teurgico, no *De Mysteriorum Aegyptiorum*. Fora o inicio da exquisita, interessante directriz da acção de Amelius, de Porfirio e Apolonio, de Plutarco a Apuleio, que findou no pleno rebatimento de luz quebrada, assombrada que foi o neo-platonismo ateniense com Sirianus e Proclus e Damasco e Olimpiodoro e Simplicio até á profligação jurídica e á perseguição sistematica.

Essa perseguição tivera raizes antigas. O advento do Cristianismo fizera proselitos notaveis nos electicos platonicos. Basta que nos lembre S. Clemente e Origenes, S. Dionisio, Justino, Daciano, Meliton, Hermias, Atenagoras, etc.

A colisão era inevitavel. Era o espirito de conservação, que se fechava ao Cristianismo negando-lhe com energia e erudição qualidades redentoras exclusivas, fase, que teve as suas

(1) H. P. Blavatsky. *The Secret Doctrine*.

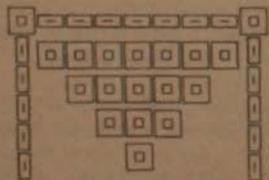
vitimas ilustres: Hipatia e Sinesius. Os teurgistas reclamavam-se de poderes psíquicos, as virtualidades dinâmicas do homem eram-lhes conhecidas, provocavam fenomenos transcendentais, tentavam restaurar a mistagogia transcendental dos antigos, cujos descendentes espirituais se consideravam. Proclus conhecia o uso transcendente da bola de cristal, Isidro reclamava-se da vidência extra-lúcida. A situação tornara-se evidentemente irritante. A profligação vem e os ultimos superstitios começariam as iniciações, as associações clandestinas, que passaram a meia-idade e vieram até nós, de origens desconhecidas, elos quebrados em longa cadeia de seculos.

Tentaremos, em síntese, expor e estudar abertamente o assunto.

E começaremos pelo Neo-Platonismo Cristão Alexandrino.

(Continúa)

João Antunes





SINOPSE DA TEOSOFIA

A Sociedade Teosofica foi fundada em 1875 por Helena Blavatsky e pelo coronel Olcott o que não quer dizer que a Teosofia date dessa epoca; esta palavra foi empregada por numerosos misticos da Idade Media e por outros, anteriores a esses, visto estar admitido que a Teosofia, segundo Diogenes de Laërcio, deve a sua origem a Pot-Ammon, o qual viveu nos primeiros tempos da dinastia dos Ptolomeus. Acrescenta o mesmo autor que o nome do criador desta doutrina é constituido por uma palavra copta que significa: "O consagrado a Ammon sendo Ammon o Deus da sabedoria".

O fim desta escola ou sistema era o ensinamento de grandes e determinadas verdades morais áqueles que procuravam a Verdade real. Era a este fim que visavam os Misterios da Antiguidade.

A Sociedade Teosofica não seria pois, neste sentido, senão um renascimento dos Misterios da Antiguidade que, desta vez, longe de viverem na sombra dos templos e ocultos das multidões, surgiam em plena civilização moderna.

AS GRANDES LEIS

Os principais ensinamentos da Teosofia baseam-se nas três grandes leis:

A lei da evolução.

A lei da reencarnação e seu corolario.

A lei do Karma.

Tentaremos dar uma ideia geral e quanto possivel, clara destes principios.

A EVOLUÇÃO

A Teosofia aceita em principio, que existe uma relação entre o finito e o infinito e que o infinito que nos rodeia não pode ser conhecido senão pelo finito.

«Ha, diz Annie Besant, milhões de modos vibratorios, que nos cercam e nos atingem sem que disso tenhamos consciencia, pela razão de sermos insensíveis á

sua acção; aplicando esta lei (que se repete em todos os domínios da natureza, porque o mundo é *uno*), as partes superiores do ser, o homem que tenha desenvolvido em si a natureza espiritual, pôde responder ás vibrações espirituais do universo pela razão de as poder reproduzir em si» (*L'Avenir Imminent*).

Numa palavra, não se pode conhecer o infinito senão pelo infinito que *nós somos*, conhecer Deus, pelo nosso Deus interior. Somos todos deuses em potencia e em via de evolução. E' esta uma consolante teoria como o veremos mais adiante.

O teósofo considera pois o homem como uma monada, uma faísca divina, proveniente do Deus dum sistema, do Logos de um universo no Cosmos. Quantos sistemas solares quantos Logos em graus diferentes, vasta Hierarquia, intermediaria ente o homem e o Absoluto, Essa Causa sem causa, o desconhecido *Ser*, dizem os livros sanscritos.

Panteísmo, dirão! sim ou não, responderemos nós, pois que o teósofo reconhece para o nosso pequeno sistema solar, um Logos *único* tendo acima de si toda uma hierarquia de seres em todos os graus de evolução, vasta escala cujo base apoia sobre a terra e cujo ponto mais elevado se perde no infinito. Não vemos nisto nenhuma divergencia com os ensinamentos do Cristianismo segundo os quais o homem é feito á imagem e semelhança de Deus, tendo acima de si uma hierarquia de arcanjos e anjos. Mas Deus, acrescenta o teósofo é *imanente* no universo.

«A ideia de um Deus extra-cosmico desaparece pouco a pouco; não se crê actualmente que Deus tenha criado o universo como um engenheiro constroe uma máquina e que se ausente enquanto os volantes girem sob a transmissão do movimento das correias. A esta teoria substituiu-se a que admite Deus imanente em todas as cousas, um Deus que é uma vida e nunca um mecanico, um Deus que é o espirito animando todas as formas e não um criador exterior ao seu universo. E' preciso ainda que este Deus resida no universo e no homem, é preciso proclamar esta grande verdade das Escrituras orientais: «Eu edifico este universo com uma parte de mim mesmo. E permaneço nele». (*Le Monde de Demain*, por Annie Besant)».

Noutros termos, Deus constroe o seu universo com uma parcela de si proprio, mas ele é maior que este universo. Uma das principais alegações levantadas contra esta tésé é: «Se Deus é imanente em todas as cousas ele é então bom e mau, injusto e justo, honesto e desonesto, pois que o homem é composto de más e boas qualidades». Ora esta ideia repugna aos teístas. Eis como a Teosofia responde a isto:

«Eu sou a ilusão do trapaceiro, diz Shri Krisna no *Bhagavad Gita*. Que sentido têm estas tão estranhas palavras? Como explicar esta frase que parece quasi profana? O monada, a vida, contem tudo em potencial mas nada ao principio manifestado; antes de desenvolver todos os seus poderes latentes o homem lutando, comete faltas inerentes ao seu fraco grau de evolução; ele tem em si o germen da sabedoria, da santidade, mas este germen está ainda por desenvolver: o assassino é uma alma joven ainda e tem em si todas as possibilidades do Santo. O bem é o

que contribue para a evolução ascendente á Divindade; o mal, é o que faz retroceder ou demorar essa ascensão. Colocai uma escada de mão ao alto, sobre um soalho duma casa. Imaginai que um de vós esteja sobre o quinto degrau outro sobre o segundo e ainda um terceiro de pé sobre o soalho. Para o homem do quinto degrau seria descer o ir-se colocar ao lado do que está no segundo degrau, mas para o que está em pé sobre o chão seria subir ir juntar-se ao homem do segundo degrau. Imaginai ainda que cada degrau representa uma acção: cada uma seria simultaneamente moral ou imoral segundo o ponto de vista no qual nos collocassemos». (*Dharmah* por Annie Besant).

Profundamente ligada á Lei do Karma, que adeante examinaremos, esta concepção da moral é altamente filosofica e scientifica, no sentido em que ella explica a desigualdade das condições, afirmando que o germen divino evolue desde o imperfeito passando pelos graus mais inferiores.

Justifica desta forma o sentimento religioso, porquanto:

«As diversas religiões são as respostas, que Deus dá aos homens por intermedio daqueles em quem a divindade se manifesta com mais intensidade. O homem jamais cessou de tentar conhecer a fonte donde emana, de comprehender a vida que nele vibra, vida immortal, que digo eu! eterna e divina. E cada religião é a resposta, que o Espirito universal dá aos filhos, que a buscam. E assim como a agua, que desce da sua origem tende a remontar ao seu nivel primitivo e sempre se elevará até essa altura a menos que não encontre obstaculos, assim o espirito do homem, sendo de essencia divina, procura sempre elevar-se ao nivel do Divino, que elle busca atingir. A prova mais convincente de que o homem é fundamentalmente divino é a busca que elle prossegue, desde tempos immoriaes para encontrar o Deus, que o engendrou». (*L'Avenir Imminent*, por Annie Besant).

O mal é pois e simplesmente a ausencia da perfeição, para a qual todos tendemos no decurso de uma longa evolução.

Resta-nos estabelecer o mecanismo desta evolução; eis um dos pontos mais interessantes dos ensinamentos teosoficos. Para o teosofo, Vida e Matéria são inseparaveis.

«Se analisarmos tudo o que existe no Universo, chegaremos á generalização seguinte: Tudo é separavel em *Eu* e *Não-Eu* e cada objecto separado tomará logar numa ou noutra destas duas grandes categorias do *Ser* e do *Não-Ser*. O *Ser* é a vida, a consciencia; o *Não-Ser* é a materia, a forma. Eis-nos pois perante uma dualidade. Mas as duas cousas, que constituem esta dualidade não são duas cousas separadas, independentes, sem relações mutuas; pelo contrario ha entre ellas uma relação constante. Atraem-se constantemente, depois repelem-se, identificando-se ou dissociando-se. Este jogo constitue o universo sempre oscilante.

Temos pois uma trindade em vez de uma dualidade: O *Ser*, o *Não-Ser* e a *Relação* entre ambos. (*Etude sur la Conscience* por Annie Besant).

A vida que se mistura á materia, tal é a evolução; é o germen divino evoluindo as suas potencialidades, tornando-se pouco a pouco senhor da materia do seu universo. De facto, é necessario a este germen divino um campo propicio á sua germinação e ao seu crescimento. Encontra-o na ma-

teria animada e preparada pelo Logos; e esta materia diferencia-se do solido ao fluido, do mais ao menos denso.

E assim como a sciencia admite o ponderavel e o imponderavel, os quatro estados: solido, liquido, gazoso e eterico, o teosofo indo mais longe aceita a existencia de varios outros estados de materia e tais que o germen divino aproveita desses diversos planos da natureza, agregados, que pouco a pouco, se tornarão verdadeiros instrumentos para a consciencia. E é assim que a evolução (que se segue á involução) devendo começar pelo conhecimento do mais denso estado de materia, é o corpo fisico, que é primeiramente organizado e aperfeiçoado através das idades e por milenios. Podemos imaginar a consciencia de começo, como uma casa de vidro inteiramente transparente e cujas superficies se tornam, pouco a pouco, opacas, imergindo-se na materia até que nada mais exista do que as cinco aberturas dos sentidos fisicos. Esta limitação é indispensavel porquanto o conhecimento só se adquire pela limitação; a analise deve preceder a sintese; a consciencia tornar-se hia cega se ela permanecesse aberta a todas as vibrações do universo, que ela deve aprender a observar e a dominar desenvolvendo os seus poderes latentes.

E' importante não esquecer que estes estados da materia, que todos estes planos da natureza se interpenetram e tão bem que a consciencia age no plano fisico com o auxilio da materia fisica, que a emotividade humana só é possivel graças ao modo vibratorio de um outro estado de materia, que o pensamento se serve de materia mental, absolutamente com a luz se propaga, graças ao modo vibratorio do eter, etc., etc.

A existencia destes diferentes planos da natureza constitue um dos pontos fundamentais da doutrina teosofica e a propria sciencia positiva contemporanea tende a aceita-los.

E assim, de plano em plano, eleva-se a consciencia, até se unir com o Deus do seu universo, até compartilhar da consciencia desse Deus.

O homem, então, é absolutamente Senhor da vida e da morte, venceu a personalidade, tornou-se *realmente* o Deus, que sempre fôra *virtualmente*.

E' o que significa atingir a condição *nirvanica*, isto é, um estado completo de beatitude *no seio do Pai*, mas uma beatitude das mais activas, super-homem, ou Mestre. Eis o que se deve entender por *Nirvana*, facto que o pensamento ocidental se compraz em mascarar e até mesmo, deturpar.

Tal é nas suas grandes linhas a Lei da Evolução: *A volta do Homem para Deus*.

A REENCARNAÇÃO

Pode esta volta efectuar-se numa só vida humana? Poderá uma só existencia terrestre bastar para esta grandiosa evolução? Não, responde o teosofo mas efectua-se mercê de sucessivos retornos.

Assim como uma arvore se despoja anualmente as suas folhas e reveste na primavera a folhagem com que retoma periodicamente contrato com

o ambiente, assim o homem, sem cessar de viver, em certos periodos da sua evolução se despoja dos seus veículos inferiores para o repouso, para a assimilação lenta das experiencias adquiridas.

Depois renasce, retoma contacto com o plano fisico até ao dia em que, como a arvore, tendo crescido mas crescido em amor, em intelligencia, em sabedoria e poder, acabar a sua evolução fisica escapando assim aos ciclos de renascimentos a não ser que volte à terra a distribuir por seus irmãos, tesouros, que possua, a servir à humanidade, de guia e de Instrutor no caminho da evolução.

Somos, pois, livres de escolher entre estas diferentes concepções:

1.º—O homem é criado espontaneamente por um poder eternamente incognoscivel; nasce feliz ou infeliz; é votado, desde o nascimento ao ceu ou ao inferno ou ao *nada*, singular ilogismo numa natureza onde vemos a vida e o movimento por toda a parte, natureza cujas leis novas (novas, para ele) o homem descobre diariamente.

2.º—O homem é simplesmente o produto de influencias ancestrais. Mas a teoria da hereditariedade cada vez mais se põe de parte.

Nos meios avançados, verdadeiros pensadores declararam ser facto constatado, que as qualidades morais não se transmitem. A sciencia garante, pelo contrario, que o genio é esteril.

Ha contra estes dois pontos de vista numerosos argumentos e falta-nos espaço para os enumerar mas escolhi uma ou outra destas teorias ver-vos heis sempre na incapacidade absoluta de explicar a desigualdade das condições humanas. A lei da Reencarnação explica-as. Impõe-se como uma lei natural. E', por assim dizer, uma necessidade. E' justa, pois que, graças a ela, é lícito a todo o homem atingir níveis superiores, reparar os seus erros, continuar as obras, a que se ligou, tornar-se igual aos que mais admira. E' logica, porque não faz intervir nenhum agente exterior que, à mercê de caprichos colocaria uns no bem estar outros na infelicidade.

E' o *Ego*, é a consciencia pondo de parte, um por um, os seus instrumentos, os seus corpos para se apoderar de outros mais apropriados ás características, que desenvolva no decurso das suas vidas sucessivas. Não é contraria a nenhuma religião porquanto todas ensinaram a grande lei, que se encontra no Cristianismo primitivo e nos Padres da Igreja. E' reconfortante porque nos ensina que o que o homem semeia, ele mesmo o colherá numa vida ulterior, que tudo quanto soffremos ou gosámos hoje, resulta automaticamente de causas geradas por nós proprios, no passado.

Abordemos a lei do *Karma*.

O K A R M A

O **Karma** dos teosofos não é um fatalismo grosseiro; é uma lei, que nos coloca aonde devemos estar para progredir, deixando-nos inteiramente o nosso livre arbitrio, a nossa liberdade de escolha.

O **Karma** jamais obrigou alguém a praticar qualquer acção; *apresenta-nos simplesmente as circumstancias e o homem dispõe á sua vontade destas circumstancias*. Sobre este assunto, ainda temos liberdade de escolha entre estas diferentes concepções:

1.º—A ideia do destino, na sua estricta significação, é a mais grosseira que se pode adoptar; é a dos mussulmanos, o fatalismo.

2.º—A ideia de Providencia, oposta á do destino e donde resulta que Deus preparou o funcionamento do seu universo segundo certas leis, mas que está sempre pronto a modificar estas leis, quando lh'o seja pedido por uma prece sincera.

Esta concepção é tão inadmissivel que nem mesmo carece de demonstração. A doutrina do **Karma** inteiramente diferente das duas que acabamos de indicar, apesar disso reconcilia-as.

Trazemos conosco uma parte das causas geradas em existencias anteriores, devendo outra parte distribuir-se por encarnações futuras; por outro lado, pademos modificar, neutralizar as causas geradas no passado segundo a conduta que tivermos na nossa vida actual. Somos pois os criadores do nosso proprio destino.

Sabendo isto temos a liberdade de empregar os metodos preconizados pela Teosofia para apressar a nossa evolução.

A ETICA

A parte etica do ensino teosofico consiste na cultura do pensamento, na meditação, na fiscalização do pensamento e dos sentidos e na aquisição de virtudes. Ha nisso um treino a que o teos fo chama *O Caminho do Discipulo*, caminho ao fim do qual os irmãos mais velhos da humanidade, os Mestres, conferem a Iniciação, a primeira, porque outras se lhe seguem antes de chegar ao estado de verdadeiro Mestre.

O estado de Mestre não é mesmo, mais do que uma étape na evolução; apos esta étape começa a evolução supra-humana.



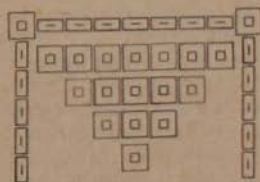
Poder-se ha pois definir a Teosofia como sendo a sciencia da alma, que marca ao homem o lugar que ele ocupa no universo, que lhe apresenta a visão do passado, do presente e do futuro, tanto no que diz respeito ás raças humanas como ao proprio individuo.

A Teosofia em tudo tem alguma coisa a dizer. Em materia religiosa, põe em relevo as verdades communs a todas as grandes religiões e prepara actualmente o surgir duma religião mundial.

Em sciencia declara que á medida que avançamos no caminho do progresso os nossos corpos adquirirão novos sentidos que substituirão os ins-

trumentos actuais cuja delicadêza atingiu o limite extremo; o quimico verá o atomo, verá o eter alem doutros estados de materia. Em psicologia explica todos os fenomenos da neo-psicologia devido, sobre tudo, á sua admiravel definição de consciencia.

Em sociologia, afirma que todos temos origem comum e que por consequencia todos somos irmãos, que as crenças religiosas não poderão separar-nos frisando que todas as religiões são raios diversamente coloridos da luz branca unica. Somos todos irmãos, diz ella, mas irmãos diferentes em qualidades, em virtudes, em aptidões, porque todos estamos em graus diferentes da escala evolutiva; ha os mais velhos e ha os mais novos; enquanto as almas novas pretenderem o poder, enquanto os homens se recusarem a reconhecer a lei da *desigualdade* e a *hierarquia humanas*, as nações estarão longe de atingir a felicidade a que aspiram. A Teosofia diz ainda que a humanidade foi sempre conduzida, guiada, instruida, educada pelos mais velhos dos mais velhos, que sem os Hermes, os Tots, os Orfeus, os Zoroastros, os Boudas, os Cristos, que sem os mensageiros destes grandes Sêres, os Maomets, os Brunos, os Paracelsos, etc. sem eles a humanidade ficaria ignorante e mergulhada na escuridão mais profunda. Vai mais longe ainda por que afirma que todos os grandes fundadores das religiões são *um unico e mesmo Sêr* varias vezes reencarnado sempre que o mundo tem necessidade da sua mensagem e anuncia tambem uma futura vida, deste mesmo grande Sêr que restabelecerá no mundo, a paz que os homens perturbaram, que estabelecerá uma nova religião (religião mundial), bem como a fraternidade universal, ajudando a formação duma nova raça, a raça de amanhã.





Consultorio de Questões Teosóficas

Esta secção é destinada a facilitar aos nossos assinantes todos os meios para um estudo mais proficuo de qualquer dos assuntos compreendidos no ambito vasto do nosso programa. Os questionarios devem ser feitos de um modo sintetico e claro, Cartas recentes justificam o inicio desta secção já neste numero.

I — Impossivel dar uma lista completa das obras de Mrs. Annie W. Besant. A. illustre Presidente da Sociedade Teosofica alia a uma operatividade descomunal, um talento enorme e uma incansavel propaganda no livro, na revista e no folheto. Diga o assunto que pretende estudar. O catalogo da livraria inglesa, que lhe edita as obras está em reimpressão. Se quiser uma lista completa adquira *A Study in Karma* The Theosophist Office. Madras. India. Tras no fim o titulo de mais de cem obras de Mrs. Annie Bessant.

II — Ainda não temos a permuta com as Revistas Brasileiras de Teosofia. Temos esperanças de as receber todas. E pelas nossas indicações saberá quais são onde se publicam e os respectivos preços. Desde já lhe indicamos *O Theosophista* R. General Bruce 112, Rio. *Alma* R. Benjamim Constant 196, Porto Alegre. *A Estrela do Oriente* R. da Estrela, 67, Rio. *A Boa Nova* Caixa Postal 452, Santos. S. Paulo. Não nos ocorrem outras.

Ampliamos a consulta, dando nota de outras publicações da America Latina. Portugal, apesar de um português illustre, o visconde Figanière e Morão, auxiliar grandemente o inicio do movimento, acordou tarde. *Virya*. Apartada 220. S. José de Costa Rica. *Revista Teosófica*, apartado 365, Habana. *Teosofia en el Plata*, casilla de Correo 1586, Buenos Aires. *La Estrella de Occidente*, Suipacha 732. *Revista de Estudos Psiquicos*, Valparaiso, (Chili). *Nueva Luz*. Cas de Correo 3794, Santiago de Chili. *El Mexico Teosofico*, 22 Rosales, Mexico D. F. *Fraternidad*, Apartado 58, Merida-Yuc, Mexico. *Gyan*, Revista Teosofica Mensal. Apartado 358, Merida-Yuc, Mexico. *Australia*, Orgão da Loja «Eucaras» Managua, Nicaragua.

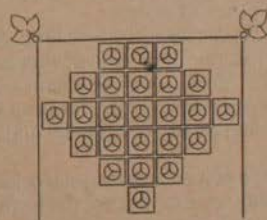
III — E' enganoso. A tradução francesa da *Isis Unveilled*, recomeçou e já está concluida e á venda o 3.º volume. Em espanhol ha a tradução completa na Biblioteca Orientalista; bem feita, o que não é vulgar em tradução de livros teosoficos. Pode fazer quantas perguntas quiser sendo assinante d'*A Isis*.

IV — A sua interessante e erudita carta motivou o inicio do trabalho do nosso director *O neo-Platonismo Alexandrino* já neste numero da *Isis*. Trabalho *ex-professo* sobre Filon, veja E'douard Herriot: *Philon le Juif*. Essai sur l'E'cole Juive d'Ale-xandrie. Ouvrage couronné par l'Institut. Paris. Hachette 1898. E' obra exaustiva.

Pouco adiantará, conforme seu pedido, em dados biográficos concretos do ilustre hebreu. Não se sabe com exactidão a data do seu nascimento. A única indicação como lógica, que possuímos sobre a sua vida é que, no ano 40, foi enviado a Roma pelos judeus alexandrinos para defender perante o tribunal do imperador, os seus direitos e o exercício do seu culto. Foi o chefe da deputação composta de velhos; ele mesmo, nesse tempo era adeantado em anos. No começo do seu relatório, que foi escrito provavelmente, no tempo de Claudio, fala-nos da sua velhice, dos seus cabelos brancos. Ora, como nota Mangey, segundo o *Pirkê Abôt*, ninguém podia chamar-se velho, entre os hebreus, senão aos setenta anos. Filon tinha, pelo menos, essa idade; teria nascido trinta anos A. C. E' a opinião de Basnage, Mangey, Scalligero e Delaunay. Alguns, como Schurer, colocam o nascimento de 20 a 10 A. C.

Segundo Flávio Josefo (Ant. jud. XVIII, 8, 1.) era irmão do alabarca Alexandre; pertencia pois a uma das principais famílias judaicas de Alexandria. Veja o resto no estudo *O Neo-Platonismo Alexandrino*, em curso de publicação.

Não nos parece que Tertuliano (Quintus Septimius Tertullianus) possa ser encarado sob o seu ponto de vista. Não é do 5.º século. Nasceu em 160. Para as edições da obra de Tertuliano veja o *Manual de Patrologia* de Rauschen. Este mesmo autor é o editor do *Apologeticum*; ha uma versão italiana, de Bolonha em 1886.





O Credo Cristão

A SUA ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO

POR

C. W. LEADBEATER

(BISPO DA IGREJA CATOLICA LIBERAL)

INTRODUÇÃO

São numerosos os estudantes de Teosofia que foram ou que ainda são cristãos sinceros, e, se a sua fé se alargou a ponto de transpôr os limites da ortodoxa, eles conservaram uma afeição profunda pelas formas e cerimonias da religião em que nasceram. E' para eles um enorme prazer ouvir pronunciar as antigas formulas, nas quais procuram uma significação mais elevada e mais ampla do que a que lhes dá a vulgar interpretação ortodoxa.

Foi com esta ideia que julguei ser interessante para esses cristãos teosofos possuirem um resumo sucinto, dando-lhes a verdadeira significação e origem destas formulas fundamentais da Igreja que se chama o Credo. Deste modo, a sua audição ou recitação, evocará neles as ideias nobres e grandiosas que se relacionam com a sua origem, em vez da materialidade enganosa das falsas apreciações modernas.

Falei das ideias que se relacionam com a sua origem, teria dito melhor que se relacionam com a antiga formula que serviu de base á parte mais importante do credo. Porque não tive num só momento a intenção de dizer que ha tempos uma enorme maioria dos membros e mesmo dos chefes da Igreja que hoje recitam esses credos, tenham conferido a verdadeira significação; duvido mesmo que os concilios ecclesiasticos que as promulgaram e autorizaram tenham alguma vez compreendido inteiramente a significação *esplendida* das frases sonoras que empregavam, visto que o seu verdadeiro sentido em parte se perdera e muitas alterações de tendencia materializadora neles foram introduzidas, muito tempo antes da convocação dessas nefastas assembleias.

Mas se a fé cristã se enfraqueceu, degradou, materializou e corrompeu, a ponto de ser difficil reconhecê-la nas suas escrituras, uma tentativa por *poderes superiores* se fez para guiar aqueles que compilaram esses grandes simbolos chamados os credos; por isso qualquer que tenha sido a sua sciencia ou a sua ignorancia, a linguagem deles transmite ainda claramente áqueles que teem ouvidos para ouvir, as grandes verdades da sabedoria antiga; o que nessas formulas parece

falso e incompreensível, quando nos esforçamos por vê-las segundo as interpretações modernas tão cheias de erros, torna-se ao mesmo tempo luminoso e significativo quando atendemos á sua significação intrínseca; então um fragmento uma incrível bibliografia aparece em toda a grandeza duma declaração da *verdade eterna*.

A elucidação desta significação intrínseca dos credo, tal será, pois, o meu fim. Neste estudo ser-me ha algumas vezes necessario expôr a sua verdadeira historia, mas preciso dizer que não tento de modo algum tratar o assunto segundo o metodo da erudição ordinaria.

As informações que tenho a dar sobre o credo não foram obtidas nem pela comparação de antigos manuscritos nem pelo estudo de volumosas obras de teologia; são simplesmente o resultado de investigações feitas nos registos akasicos por alguns estudantes de ocultismo.

A atenção deles foi acidentalmente atraída para esta questão no decurso de investigações em outro sentido; notaram que o assunto era dum interesse assaz palpitante para merecer um exame mais completo.

Como escrevo principalmente para os estudantes de Teosofia, posso permitir-me a liberdade e sem minuciosa explicação, do emprego dos termos teosóficos ordinarios que julgo serem-lhes familiares, sem que o meu pequeno trabalho ultrapasse os limites permitidos. Todavia, se por acaso ele vier a cair ás mãos daqueles para quem o uso eventual desses termos constitua uma dificuldade, nada mais tenho senão pedir-lhes desculpa e remete-los para as explicações preliminares a uma obra teosófica elementar tal como a *Sabedoria Antiga* ou o *Homem e os seus corpos*, de Mrs. Besant.

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO PRIMEIRO

HISTORIA DOS CREDO

FORMULA PRIMITIVA DO CREDO. — O CREDO DOS APOSTOLOS. — O CREDO DE NICEIA. — O CREDO DE ATANASIO.

Antes de descrever a verdadeira origem dos credo da Igreja, será conveniente resumir as ideias aceitas pelos escritores ortodoxos no que diz respeito á sua data e á sua historia.

A Igreja christã tem três destas formulas de fé chamadas respectivamente o credo dos Apostolos, o credo de Niceia e o credo de Atanasio. Segundo uma opinião que dominou num dado momento na Igreja, o segundo e o terceiro destes credo teriam sido simplesmente amplificações do primeiro; mas é universalmente reconhecido hoje que sob o ponto de vista historico, o credo de Niceia é o mais antigo dos três.

Consideremo-los sucessivamente e exponhamos o que se sabe á cerca de cada um deles.

Formula primitiva do credo. — Em uma época muito recuada parece que se empregava uma especie de credo curto e simples, não sómente como simbolo de fé, como sempre, para nos servir mos duma expressão militar como passagem de passe. Todavia, os termos desta formula variavam segundo as regiões, e só seculos depois é que se chegou a uma especie de uniformidade.

Um exemplo desta forma primitiva é o credo que Irineu dá na sua obra *Contra as Heresias*: «creio em um só Deus todo poderoso de quem são todas as coisas... e no Filho de Deus, por quem são todas as coisas.»

O Credo dos Apostolos. — Pela primeira vez se fez menção dum credo com o nome de credo dos Apostolos no IV século, nos escritos de Rufino, que declara que foi escolhido este nome porque este credo contém doze artigos compostos por cada um dos doze apóstolos reunidos para esse fim em um solenne conclave. Mas Rufino não é considerado como uma importante autoridade histórica; na enciclopedia romana de Wetzer e Welte, a sua narração é mesmo considerada como uma simples e piedosa lenda.

O credo dos apóstolos sómente se encontra com uma forma que lembra um pouco a forma actual quatro séculos depois da composição do simbolo de Niceia, e os escritores mais autorizados na materia consideram esse documento como um simples aglomerado formado lentamente pela reunião gradual de symbolos de fé mais antigos e mais concisos. As investigações ocultas destroem por completo esta ideia, como mais tarde explicaremos, e, ao reconhecerem o seu character complexo, assinalam, pelo menos a uma das suas partes, uma origem muito mais elevada do que aquela de que fala Rufino.

O Credo de Niceia. — A historia desta formula mais longa chamada o credo de Niceia que se encontra na missa da Igreja romana e no serviço da comunhão da Igreja anglicana é sob o ponto de vista ordinario muito mais clara e satisfatoria.

Todos os escritores estão de acordo em dizer que á excepção de duas omisões importantes, ele foi redigido no concilio de Niceia em 325. Como a maior parte dos nossos leitores sabem, este concilio foi convocado afim de pôr termo ás controversias que então se levantaram entre as autoridades ecclesiasticas quanto á verdadeira natureza de Christo. O partido de Atanasio, ou partido materialista, declarava que o Christo era da mesma substancia que o Pai, emquanto que os partidarios de Ario preferiam não se constrangerem além da declaração de que Ele era de substancia semelhante; não admitiam que o Filho fosse sem começo como o Pai. O ponto em litigio parece bem pouco importante para ter provocado tanta irritação e ter despertado tantos sentimentos maus; mas parece que, em toda a controversia teologica, quanto menor é a divergencia da opinião, mais ardente é o odio entre os adversarios. Sugeriu-se que Constantino exerceu uma indevida influencia sobre as deliberações do concilio; seja como fôr, a decisão foi favoravel ao partido de Atanasio e o credo de Niceia foi aceito como expressão de fé, da maioria. Tal como foi redigido então, terminava (se lhe omitimos o terrivel anatema que mostra claramente qual era o verdadeiro espirito do concilio) pelas palavras: «Creio no Espirito Santo»; os artigos que hoje lhe formam a conclusão foram acrescentados pelo concilio de Constantinopla no ano 381, á excepção das palavras «e do Filho» que foram intercaladas pela Igreja occidental, no concilio de Toledo no ano 589.

(Continua)

Fernando de Castro



ASSASSINATO À DISTANCIA (1)

Certa manhã de 1867, uma espantosa noticia comoveu todo o Oriente europeu: Miguel Obranovitch, rei da Servia, sua tia Catinka ou Catarina e a filha de esta, tinham sido assassinadas em pleno dia, mesmo no jardim do palacio, sem se saber quem tinham sido os assassinos. O principe estava literalmente crivado de punhaladas e de tiros; a princesa tinha a cabeça desfeita com golpes e a sua joven filha agonisava tambem em consequencia das feridas. Todas as circunstancias do terrivel crime causaram, como era natural, uma excitação e ansiedade gerais que tocavam a loucura.

Desde aquele momento cruel de Bucarest e Trieste, tanto no Imperio austriaco, como em todos os paises dependentes do duvidoso protectorado da Turquia, nenhum aristocrata de sangue, nenhum principe, se julgou em segurança e o boato alastrou que aquele crime politico tenha sido mandado executar por Tzerno-Georgy isto é, pelo principe Kara-Georgévitch. Numerosos inocentes foram encarcerados enquanto que, como geralmente costuma succeder, os verdadeiros culpados conseguiram escapar. Um joven muito amado na Servia, parente proximo das victimas, foi tirado de um collegio parisiense onde estava, conduzido a Belgrado com toda a pompa e coroado rei da Servia com o nome de Hespodar.

Em todos os paises as paixões politicas são passageiras. A tragedia de Belgrado caiu no esquecimento desaparecendo ao mesmo tempo os odios e rivalidades que tinham despertado. Uma senhora já idosa, natural da Servia, ligada pelos mais intimos laços de amizade á familia dos Obrenovitch não se consolou com facilidade com a morte dos principes. Proclamado rei o joven Obrenovitch, sobrinho do principe assassinado, a misteriosa senhora vendeu o seu patrimonio e desapareceu da vista de todos, não sem jurar previamente sobre o tumulto das victimas, que as vingaria.

Quem escreve esta veridica historia tinha passado uns dias em Belgrado, trez mezes antes de se cometer o crime e conhecia a princeza Katinka, que era uma criatura nobre, sem vontade propria, mas cheia de bondade e uma perfeita parisiense pelo seu fino trato e educação.

Esta interessante historia é narrada por uma testemunha presencial, Helena Petrowna Biavatsky a celebre princeza russa que tendo-se dedicado d'alma e coração ao bem da humanidade, tendo-se despojado da sua enorme fortuna a favor dos pobres e da sua posição social para fazer a propaganda do amor, da caridade e mais ensinamentos teosoficos foi encarregada pelo *Mestre* de fundar em New-York em 1875 a Sociedade Teosofica cujo lema é: «Não ha religião superior á verdade». A alta envergadura moral d'esta nossa irmã morta em 1881 não nos pode consentir duvidas acerca da exactidão do seu relato.

«Nota do tradutor: E. F.

Com respeito aos personagens que figuram nesta narração, como ainda vivem, ocultarei os seus nomes sob as suas iniciais.

A senhora servia a quem já nos referimos e que de tal modo havia jurado vingar-se, sabia muito pouco de casa. Languidamente reclinada sobre almofadas e tapetes orientais, ataviada com o seu típico traje nacional, fazia lembrar a própria Sibila de Cumas nos seus dias de tranqüilo repouso e afastamento do mundo.

Não ha duvida que se contavam estranhas historias acerca dos conhecimentos occultos desta extraordinaria mulher, circulando entre os hospedes reunidos nos arredores da nossa modesta hospedaria boatos aterradores capazes de por os cabelos em pé ao mais valente. O primo de uma solteirona tia do nosso gordo hospedeiro, tinha caído certo dia debaixo da garra de um cruel vampiro que esteve a ponto de por completo lhe chupar o sangue e matar-o com as suas visitas nocturnas. Vãos foram os esforços do pobre cura da freguezia que o exorcizara e todos já desesperavam acerca da sorte da pobre vítima, quando Gaspoja P. (assim se chama d'aqui por diante a misteriosa sibila) curou o joven afugentando o espirito opressor, unicamente ameaçando-o com o punho fechado e repreendendo-o na sua propria lingua. Ali em Belgrado foi pois onde aprendi o curioso detalhe de que todos os fantasmas teem uma linguagem peculiar sua.

Ajuntamos tambem que Gaspoja P. isto é a velhota em questão, tinha como crãda uma joven cigana de 14 anos, procedente da Romenia, cigana chamada a desempenhar um importante papel nesta espantosissima historia. Quem eram os pais d'esta rapariga e qual o lugar do seu nascimento todos o ignoravam assim como ella propria. A mim me contaram que uma troupe de vagabundos a tinham abandonado um dia num pateo de Gaspoja P. e que ela dava pelo nome de Frosya ou «Menina Sonambula» pela sua rara qualidade de ficar em estado de sonambulismo à mais pequena insinuação e falar neste estado como um medio automato.

Por aquele tempo viajava eu muito; dezoito mezes depois do assassinato do principe servio percorria eu a pitoresca comarca italiana de Banat numa carriola que me pertencia e para a qual ia alugando cavalos sucessivamente, nas localidades que visitava.

Em certo dia da minha peregrinação estasiado com a contemplação das belezas da paisagem estive a ponto de atropelar por distração um velho sabio frances que como eu percorria, mas a pé, aqueles logares. Simpatizamos um com o outro e sem ceremonias enfadonhas, aceitou o lugar que eu lhe oferecia a meu lado. O nome deste sabio frances era celebre nas sociedades consagradas ao estudo do magnetismo e sciencias similares com um dos melhores discipulos de Dupotet.

Quanto me alegro do nosso encontro me disse o sabio companheiro no decurso da nossa conversação. Nesta solitaria e deliciosa Tebaida encontrei uma rapariga sensitiva, o mais possivel.

E' uma maravilha e por intermedio dela e com a sua familia vamos tentar esta noite descobrir por meio dos seus dotes de clarividencia o misterio, que rodeia um certo assassinato.

De quem se trata? perguntei curiosa. De uma ciganita romena, que parece foi criada entre a familia do principe da Servia, principe que já não existe pois está quasi a fazer dois anos que foi assassinado do modo mais misterioso.

Oh diabo! tenha cuidado que nos despenhamos nesse precipicio, interrompeu-se a si proprio o sabio frances tirando-me as redeas da mão.

Por acaso se refere ao principe Obrenovitch, exclamei alarmado.?

Ele mesmo! E' como lhe digo. Continuou o frances, conto chegar esta mesma noite á aldeia para realizar uma serie de sessões de magnetismo. Se quer acompanhar-me poderá servir-me de interprete visto que aquela familia não fala frances. Para mim não ficou a menor duvida de que se tratava de Frosya e de que Gaspoja P. a acompanharia, como bem depressa o verifiquei.

Caía a tarde quando chegámos á faldá da montanha, ao velho castelo, como o bom francez deu em lhe chamar. Em um daqueles poeticos albergues do sombrio logar nos detivemos, sentando-nos num rustico banco da entrada. Enquanto o meu companheiro cuidava galantemente do seu cavallo, vi sobre uma pequena e mal segura ponte de uma vizinha queda d'agua a figura espectral, palida e alta da minha antiga amiga Gaspoja P. que não mostrou surpresa alguma em me ver. Chegando junto a mim sondou-me com tres beijos em cada face á moda da Servia, e conduziu-me carinhosamente á sua gruta de pedra, onde reclinada em uma almofada sobre a herva com a espadua de encontro á parede, reconheci a joven Frosya.

Frosya vestia o classico costume valquo; uma especie de turbante de gaze com fitas e medalhas douradas; camisa branca de mangas abertas e saia de côres ber-rantes. A sua fisionomia apresentava uma palidez extrema, os olhos fechados da-vam ao seu corpo esse aspecto peculiar de estatua tão vulgar em todos os sonam-bulos e clarividentes, a ponto que se não fosse o ritmo respiratorio do peito adornado de medalhas e colares de contas poder-se hia acreditar morta.

O francez disse-me que já a tinha adormecido da mesma maneira na noite an-tercedente e, sem se importar mais com a minha presença, fez-lhe uma serie de passes que a puseram em estado cataleptico. Em seguida fechou-lhe um por um todos os dedos da mão direita, excepto o indicador com o qual lhe fez apontar a estrela da tarde que brilhava esplendidamente no imenso azul do ceu. Continuou assim regulando os passes magneticos e manejando os invisiveis mas poderosos fluidos de Frosya como um habil pintor que dá os ultimos toques no seu quadro. Naquele momento a velhota deteve-o dizendo-lhe em voz baixa:

Espere pelas 9 horas, até que se esconda a formosa estrela. Os Vurdalakis va-gueiam aqui em redor e podem contrariar a nossa influencia.

Que é que diz? perguntou contrariado o magnetizador.

Eu expliquei-lhe então o que eram no Oriente os Vurdalakis e a sua pernicios-a intervenção tão temida pela velha. Vurdalakis! Livra! Fartos já nós estamos dos espiritos cristãos que nos possam honrar com a sua presença esta noite.

A Gaspoja tinha-se tornado palida como morta; com a testa franzida, os olhos chispando fogo exclamou: diga-lhe que não brinque em momentos como estes. Esse senhor não conhece o paiz e não sabe que mesmo essa santa igreja que aí está em frente seria impotente para nos proteger contra a irritação dos Vurda-lakis. E empunhando com desagrado uma mancheia de hervas que tinha deixado no solo o botanico francez, acrescentou:

Que vem a ser isto? São uns pés de verbena e herva de S. João que se não devem deixar aqui sob pena de atrair os vampiros vagabundos.

A noite tinha por completo estendido o seu manto e a lua com a sua luz pra-teada de fantasmagoricas tintas realçava o misterioso aspecto da paisagem com uma daquelas noites calmas de Banat tão formosas quasi como as do Oriente. Estavamos então observando o fenomeno magnetico no meio do campo porque o pobre paro-co da aldeia tinha dito ao magnetizador: Afastai-vos deste logar pois tenho medo que os vossos espiritos maus invadam este recinto e a igreja contra os quaes como estrangeiros que são, não teem poder os meus exorcismos.

O francez tinha já tirado o guarda-pó e arregaçado as mangas da camisa, to-mando a attitude teatral tão propria nestas operações e trabalhos de magnetismo. Debaixo dos seus nervosos dedos o fluido parecia brilhar com luzes fosforescentes. Frosya, de cara voltada para a lua deixava-nos ver os seus movimentos convulsivos como se fosse dia. Enormes gotas de suor corriam-lhe pela cara abaixo rolando pelas suas faces palidas. Em seguida a rapariga iniciou um lento movimento de vai-vem e começou a entoar um canto estranho cujas notas e palavras Gaspoja recolhia com avidez, transformada na estatua da attenção com os dedos nos labios;

os olhos saltavam-lhe das orbitas, o corpo inerte e uma atitude de ansiedade indescritíveis formavam com a joven Frosya um contraste digno de ser immortalizado num quadro. De resto a scena que em seguida começou a desenvolver-se era sem duvida alguma digna das mais tragicas de Macbeth: a infeliz rapariga contorsia-se aflita sob os tão poderosos como invisíveis fluidos que sobre ela descarregava o seu tiranico magnetizador. Do outro lado a velha matrona obcecada pela ardente sede de vingança, esperava ouvir pronunciar de um momento para o outro o nome do assassino do seu muito amado príncipe servo. Até o omnipotente magnetizador frances parecia transfigurado; da sua nivea cabeleira os cabelos em pé e agigantada de uma maneira incrível a sua pequena e tacanha estatura. Não havia pois ali engano ou teatralidade, mas apenas uma das mais estupendas e aterradoras experiencias de magnetismo bem superior aos mais altos conhecimentos ocultistas do que a havia provocado inconscientemente.

De repente, como movida por uma mola e um poder sobrenatural, Frosya, pôs-se em pé; não esperava para se lançar contra o invisível como uma automata, senão as ordens d'aquela que n'este momento supremo era o seu senhor absoluto. Este então pegou na mão de Gaspoja e colocando-a sobre a da sonambula ordenou a esta ultima que obedecesse em tudo á primeira.

Que vês minha filha? perguntou ansiosamente a velha servia. Pode pois acaso o teu espirito descobrir os assassinos do nosso príncipe e dizer-me os seus nomes?

Anda, procura, solicita o que te pede esta senhora, ordenou por sua vez com firmeza o magnetizador.

Já estou a caminho, exclamou em voz debil a pobre ropariga, mas com um tão fraco som que mais parecia sair do seu duplo eterico e a muita distancia, do que dos seus labios.

Impossível de descrever com exactidão o que n'este momento aconteceu. Qualquer cousa como uma nuvem muito branca se foi condensando ao lado de Frosya, envolvendo ao principio com uma luz anilada e metalica e destacando-se claramente depois a seu lado com arroxeadas, lividas fulgurações como relâmpagos, qual corpo novo e brilhante junto a um corpo natural para separar-se d'este por fim coerente, semi-solido.

Depois de flutuar uns segundos no espaço lançou-se rapido e silencioso em direcção ao rio desaparecendo por fim, corrente abaixo, até desaparecer no horizonte confundido com os raios da lua qual farrapo de nevoa desfeito n'uma noite de outono.

Não será preciso ajuntar que a scena tinha absorvido todas as minhas forças como que adormecidas por um sono misterioso. Tinha visto com efeito desenrolar-se diante dos meus olhos espantados nada menos do que a evocação dos *Seint-leca* do Oriente. Dupotet tinha razão em afirmar que o magnetismo occidental não é senão a magia consciente dos antigos e o espiritismo o inconsciente efeito da mesma magia sobre certos organismos neurasténicos.

Convem ajuntar que apenas o vaporoso duplo astral da joven se tinha desprendido do seu corpo fisico, a perfida Gaspoja com um rapido movimento da mão que tinha livre, tirou debaixo da capa e meteu no seio da magnetizada um pequeno estilete ou punhal com uma rapidez tal que nem o proprio magnetizador deu conta do facto como me assegurou mais tarde.

Seguiu-se então um silencio sepulcral de modo a ouvir-se apenas o emocional bater dos nossos proprios corações enquanto os nossos corpos pareciam petrificados de surpresa como a propria mulher de Lot. De repente a sonambula soltou um grito estridente que se reproduz u nos ecos da montanha ao mesmo tempo que se inclinava violentamente para deante. Empunhando o afiado estilete começou a esgrimi-lo com raiva para a direita e para a esquerda com o mais selvagem sorriso de vingança satisfeita contra os seus imaginarios inimigos e lançando espuma pela

boca pronunciava varias vezes, entre exclamações guturais, incoerentes, dois nomes vulgares de homem. O magnetizador ao ver isto, tinha ficado por tal forma aterrado que em vez de descarregar a sonambula dos fluidos naquela scena angustiosa, cada vez a carregava dando-lhe mais força.

Desgraçado, detende-vos, gritei-lhe furiosa. Obraís para a matar se não fôr ela mesmo que vos mate.

O imprudente magnetizador sem saber o que fazia, tinha despertado sem duvida, forças subtis ou entidades da Natureza Oculta sobre as quais nenhum poder tinha. A propria sonambula nos seus paroxismos homicidas lhe dirige raivosa uma punhalada que ele poude evitar dando um grande salto para traz não sem ter ficado gravemente ferido num braço. Aterrado assim o infeliz frances trepou com a agilidade de um gato para cima de um muro vizinho onde se escarranchou ao mesmo tempo que tremendo ainda de medo conseguiu reunir os restos da sua paralisada força de vontade para lograr emfim que a rapariga ficasse quieta e largasse a arma.

Que fizeste desgraçado, gritou então a Frosva ao magnetizador na lingua da sua nacionalidade. Responde claramente e depressa!

Ao que esta respondeu no mais puro frances com grandio admiração minha pois tinha a certeza que a rapariga ignorava aquella lingua: não fiz outra cousa senão o que ele me odrenou que fizesse e isso mesmo porque me haviéis dito que lhe obedecesse em tudo. Mas o que é que vos mandou fazer essa velha bruxa, acrescentou o francez malcreadamente?

Que procurasse os assassinos da princesa e que os matasse logo que os encontrasse como acabo de fazer.

Oh! que felicidade, vingados, vingados emfim, acrescentou já na sua propria lingua. Uma estrondosa exclamação de triunfo de Gaspoja acolheu estas ultimas palavras da inconsciente sonambula, uma gargalhada infernal de vingança satisfeita gargalhada que fez ladrar lugremente todos os cães da vizinhança.

Vingada, sim vingada, já o sabia, o meu coração não me enganava ao dizer-me que aquêles infames criminosos deixaram de existir, exclamou, e cahiu no solo exgotada ao ver-me arrastando comigo a pobre sonambula.

Oh! que esplendido *sujet*, é esta rapariga, disse o sabio frances bem alheio ao verdadeiro desenlace daquela *innocente* scena de magia negra! Perigosa sim, mas admiravel, terminou esfregando as mãos de contente.

D'ali a poucas horas separei-me do pobre frances, de Gaspoja e de Frosva. Tres dias mais tarde achando-me na casa de jantar de um bom hotel em T... esperando que me servissem o almoço, a minha vista fixou-se distraidamente em um jornal onde com surpresa inaudita li o seguinte:

DUAS MORTES MISTERIOSAS. Viena... — Uma destas noites, ás nove e quarêta e cinco minutos, quando o príncipe se retirava para os seus aposentos, dois fidalgos do seu sequito deram as mais vivas provas de angustioso terror, cambaleando como ebrios por toda a espaçosa sala, como se pretendessem fugir aos golpes de um assassino invisível. Incapaz de prestar atenção ás perguntas do príncipe é do résto da comitiva caíram redondamente no chão no meio de uma estranha agonia. Os seus corpos não mostravam ferida alguma ou sinais de apoplexia, mas unicamente na pele umas manchas grandes e escuras, como se tivessem levado umas punhaladas que lhe houvessem separado as carnes sem lhês ferir a pele. A autopsia mostrou aquelas manchas cheias de sangue coagulado, vestigio de um instrumento perfurante, um punhal ou uma espada. A Faculdade de Medicina ve-se obrigada a confessar-se incapaz de decifrar tamanho enigma scientifico. Nas altas esferas reina grande excitação por este facto.

LIVROS & REVISTAS

Ementa bibliografica

de todas as obras de que nos remetam dois exemplares

Compendio de Teosofia. - C. W. Leadbeater. — Coleção "Psicologia Experimental". - *Livraria Classica, Editora.* - Praça dos Restauradores, 17 Lisboa. — **A Luta pela Imortalidade.** - Leonardo Coimbra (Renascença-Porto). — **Alucinações.** - Leopoldo Bettiol, prefacio de Irineu Trajano (Porto Alegre, Brasil). — **The Herald of the Star.** - (6, Tavistock Square, Londres) — **O Theosophista.** - Rua General Bruce, 112, (Rio de Janeiro).

Os leitores, que estão em dia com a literatura teosofica, conhecem a extranha agitação de consciencia, que muitas obras produziram na alma marasmada do seculo das luzes.

A filosofia enveredará por um caminho errado, de acesso facil. Comodamente negativista, assediando a ansiedade na muralha formidavel do agnosticismo, ignorando com Spencer, dogmatizando com Comte, deduzindo com Haeckel, sorrindo com Voltaire, dirigia o rebanho pelas veigas tranquilas do «dolce far niente» do espirito. Este era um pesadelo antigo herdado de longos seculos de ignorancia. Na espiral do Progresso o Espirito veio, porem, clamar o seu logar ao templo amplo da Ciencia e fe-lo galhardamente.

E não ha nos seculos ultimos movimento mais elevado e energico que o impulsionado pela Teosofia pela amplitude do seu programa, pelo rigor logico do seu sistema. As grandes sistematizações vieram como a *The Secret Doctrine* de H. P. B., a obra de Figanieri, os trabalhos esplendidos de A. Besant, os manuais completos e acessiveis, etc.

A um destes nos referimos. O *Compendio de Teosofia*, de Leadbeater é obra que não deve faltar na estante de quem prese a filosofia, em qualquer dos seus aspectos, que todos deviam ler, por onde todos deviam começar. A versão de Fernando Pessoa, literato eximio e linguista illustre não trae o grande valor do original, notando-se a falta de um indice, que auxilie o compulsar do livro, que não é para ser lido uma vez só.

— Da mesma Livraria Editora é a Coleção "*Psicologia Experimental*" que já hoje conta 15 obras publicadas, na quasi totalidade da autoria do nosso Director. Não nos referimos a elas, demoradamente Basta-nos dizer que a Coleção "*Psicologia Experimental*" desempenhou em terras lusas e bom o papel de incansavel arauto, das sciencias neo-espiritualistas, mormente teosoficas. O Brasil secundou essa empreza, que redundou em proveito dos ideais em Portugal e bem haja a esplendida Republica Irmã. Estão no prelo proximos volumes sendo o 14.º *A Filosofia de Lao-Tseu. As suas relações com o Orientalismo Hermetico* uma obra magnifica, devida á pena de um illustre teosofa portuguez, socio do Instituto de Coimbra e de similares sociedades brasileiras, que se envolve na sua clamide de Alphon Sait.

— Bem estudado um aspecto novo da literatura mundial, nacional tambem, a ultima geração de intellectuais tem uma ampla aspiração de idealismo espiritualista. Hemos de fazer um dia com Leonardo Coimbra o que Albino Monteiro fez com Farias de Brito.

Leonardo Coimbra é um espirito de elite, desempoeirado e audaz. Lente proficiente de Filosofia na Universidade do Porto, tem deixado artisticamente, luminosamente atraves das suas obras e da sua obra pedaços da sua alma idealista e pensadora. É um temperamento masculino de filosofo espalhando ideias de perfume suave e potente.

Desde o *Criacionismo à Luta pela*

Imortalidade ha uma obra colossal e harmonica. A *Luta pela Imortalidade* é um grito d'alma, orquestrado de luz, de cor e de forma. Não é a sua obra definitiva. Leonardo Coimbra começa apenas a plenitude da sua obra. E, fenomeno psicologico interessante, a sua ansia de espiritalidade foi a conclusão logica e silogistica das premissas da sua dedução e do seu criterio. A *Luta pela Imortalidade* é obra, que marca um logar definido e autonomo.

— Se dos prélíos do pensamento e da accção intellectual entrarmos na liça do temperamento artistico depara-se-nos o recémchegado livro de Leopoldo Bettiol, *Alucinações*. «O gesto airoso do idioma luso» na frase adamantina de Filinto tem bons cultores em terras de Santa Cruz. Não é novidade para ninguém. Os grandes problemas literarios, filosoficos e artisticos cultivam-se numa grande floração de Arte, Alem-Mar, na grande Republica. *Alucinações*, é um livro de sciencia, de arte e de bom gosto. Estilo fluente, poder evocador de imagens, encenação variada e colorida.

— De Revistas Teosoficas, referir-nos-hemos a duas. *The Herald of the Star* órgão da *Estrela do Oriente*, é um modelo de erudição e de variedade scientifica. O numero de Julho de 1920, no entanto, tem um estudo rapido de S. Gertrude Ford *The faith of Christofer Columbus*, que nos merece reparos justos. E' indiscutivel que Portugal, foi o grande pioneiro da civilização latina, quando a Europa mal saía da noite milenaria da Meia- Idade. A Historia tem, por vezes, em silencias plumbeos a mancha cruenta da injustiça. Para o nome português ser lido em todo o Orbe, em todo o esplendor heroico do seu valor muito havia a eliminar, a emendar, nas superfetacões desse palimpsesto convencional, a que se chama a Historia. Colombo é uma grande figura lendaria, augusta e homérica. Viveu profundamente o seu ideal, a sua fé heroica e o seu nome, no firmamento da Historia será eternamente, mais do que estrela, uma constelação fulgente. Mas D. João II não foi, de forma alguma *the treacherous mo-*

narch. A psicologia do grande descobridor e a génese da sua obra são assunto de vasto plano para ser versado numa simples ementa. Genovês, (na tese tradicional e discutivel), português (Patrocínio Ribeiro), espanhol (Olmet, Garcia de la Riega, Arribas y Turul), corso (Casabianca, Casanova, Harrise, Murelli), e até pirata grego, na impetuosa afirmativa de Lawrence, o misterio, o problema colombino, será tratado um dia, amplamente, nas paginas da *ISIS* e até no mesmo criterio do colaborador da benemerita Revista, dirigida pelo respeitavel Alcione mas documentadamente e tendo presente parte da formidavel bibliografia colombina. D. João II, regeitaria as propostas de Colombo pelas razões alegadas centenas de vezes (v. g. S. Ruge *Columbus* Berlim, 1902, Vignaud *Etudes critiques* Paris 1905, C. Lannoy *Histoire de l'Expansion Coloniale*, Bruxelas 1907).

Podia mesmo calcular que navegando para o Occidente chegaria à India se se fiasse nos dizeres de Estrabão, de Aristoteles, de Averrois e até de R. Bacon; mas não o calcularia porquanto bem antes João Vaz Corte Real e Alvaro Martins Homem haviam chegado á Terra Nova. Disto se falará um dia dissecando o messianismo glorioso, herculeo de Colombo. Mas fique assente que a afirmativa de «D. João II ter aproveitado os planos de Colombo» é erronea e injusta.

— O *Theosophista* é nossa irmã mais velha e muito amada de Alem-Atlantico. Orientadora segura, austera e tolerante é mestra que lecciona *ex-cathedra*. Dêmonos as mãos através dos mares e abraçemo-nos falando a mesma lingua e vibrando nos mesmos sentimentos. E tentaremos unir num intercambio de generosa desinteressada, dedicação a alma de todos os que falam a lingua de Camões em vibração unissona num foco potente de energia fraterna.

A Raimundo Seidl, a todos os colaboradores e leitores do *Theosophista*, as nossas saudações.

Outras publicações recebidas

Revista Brasileira ISIS, órgão da Loja de S. Paulo, da S. Teosofica, da S. Espiritualistas e da ordem da Estrela do Oriente. Bem redigida e apresentada sob a direcção do Sr. Henrique de Mendonça. Vai no 4.º numero de publicação e tem inserido os retratos dos vultos mais notáveis que estão á frente do movimento teosofico.

Referir-nos hemos detidamente a esta illustre Colega.

Revista Teosofica—Órgão official da secção cubana da Sociedade Teosofica. Director, Luis Testar. Redacção, Oquinto 14—Habana. É um interessante e bem redigida publicação muito bem apresentada e com magnifica colaboração.

Movimento Teosofico

Em 30 de Janeiro de 1920 realizou-se em Lisboa a primeira reunião de algumas pessoas devotadas para iniciar o desenvolvimento da Idea teosofica em Portugal e de tal forma se accentuou este movimento que deve ainda este ano ficar consituída a «Sociedade Teosofica de Portugal».

Tendo á frente do movimento inicial homens de illustração e decidida vontade como o Dr. João Antunes, coronel Oscar Garção, Senhora D. Berta Garção, Dr. Francisco Esteves da Fonseca, Capitão Artur Nascimento, maestro Carlos Calderon, A. R. Silva Junior, Domingos Costa e tantos outros rapidamente se constituíram os ramos: Isis, Annie Besant, Yeoshua e Osiris, estando em via de formação os ramos: Visconde Figanhère, Krisnamurti e Horas.

Além destes, um outro ramo está formado em Loando pelo Sr. João Fernando Cavalleiro e breve a expansão das ideias e principios teosoficos, que se vai fazer no paiz e colonias, virá sem duvida acelerar a organização da Sociedade Teosofica.

É com vivo prazer que vemos dia a dia chegarem adesões valiosas de todas as classes da sociedade cuja consciencia se desperta perante este movimento avassalador que a todos traz um profundo conhecimento dos seres e das coisas e uma profunda filosofia moral deduzida da Verdade, criando assim um colossal foco de verdadeira fraternização entre todos os povos e todas as raças humanas.

EM ESPANHA

No dia 27 do proximo mes de março deve realizar-se em Madrid uma reunião de teosofos espanhois, sob a presidencia de D. Julio Garrido para ser constituída a «Sociedade Teosofica Nacional de Espanha».

No paiz visinho e irmão tambem a ideia teosofica caminha como em toda a parte num movimento progressivo devendo em breve intensificar-se de forma e criar na peninsula Iberica conjuntamente com o esforço dos teosofos portugueses um poderoso centro de irradiação espiritual de que beneficiarão estes dois povos irmãos.

Saudamos pois fraternalmente os teosofos espanhois a cujo esforço agouramos o mais refulgente exito para os altos ideais teosoficos donde irradiam conhecimento, paz e harmonia.

BIBLIOTECA DE VULGARIZAÇÃO TEOSOFICA

Sínteses dos principais aspectos da filosofia esoterica ao alcance de todas as Intelligencias

- 1—A Teosofia.
- 2—A Lei do Karma.
- 3—A Lei da Reencarnação.
- 4—O Homem e o Universo.
- 5—O Movimento Espiritualista Contemporaneo.
- 6—A Sociedade Teosofica. Os seus ideais. Os seus fins. Os seus meios.
- 7—O Problema da Existencia.
- 8—Os Mestres da Sabedoria.
- 9—Os auxiliares invisíveis.
- 10—O homem e os seus corpos.

Os volumes desta Biblioteca serão publicados por subscrição entre as pessoas, que sympathizam com os ideais teosoficos. O 1.º volume publicar-se ha apenas haja numerario para as respectivas despesas. A venda será feita pelo menor preço possível. Os subscritores poderão reclamar um numero de exemplares proporcional ás suas quantias.

ISIS	25\$00
J. A.	10\$00
C. C.	10\$00
S. J.	10\$00
E. F.	5\$00

Remessas para a Administração da «ISIS».

O TEOSOFISTA

Órgão oficial da Secção Brasileira
da Sociedade Teosófica

Exemplar boletim destinado à vulgarização dos Ideais teosóficos e mensário do movimento da S. T. entre os Irs. de Alem-Atlântico.

Donativos, correspondência e pedidos de assinatura (2\$000 réis mensais) para Raimundo P. Seldi, Rua General Bruce, 112, Rio de Janeiro.

Sumario do n.º 2

(Fevereiro de 1921)

O Mito do Genesis por João Antunes.

A Tragedia Adâmica foi o esplendoroso e violento início das grandes sínteses teogónicas da Antiguidade e é a um tempo o fecho e a origem de todas as religiões semitas e ocidentais. A sua interpretação foi tentada, através dos séculos, milhares de vezes, nas suas formas tradicionalistas a par das heterodoxias de Wundt, E. Husard, J. Teixeira Rego, Schuré, Oliveira Martins, Creuzer, etc.,

Um aspecto sintético dessa formidável tragedia misterial e esoterica será tentado no Mito do Genesis.

O Pensamento a sua potencialidade, o seu emprego, por C. N. Leadbeater.

«A Teosofia ensina, e isto não é uma simples opinião ou teoria mas um facto verificado, que o pensamento é uma força que todos podem aprender a manejar e que, empregando-a, o individuo impulsiona o seu progresso pessoal e pode fazer muito bem ao mundo.» Este esplên-

dido trabalho, actualmente exgotado nas linguas em que foi publicado, juntamente com o poder do Pensamento, seu domínio e cultura de Mrs. Besant, agora em publicação n.º Teosofista, órgão oficial da secção Brasileira da S. T., constituem as mais autorizadas e completas sínteses do interessante assunto

O Cristianismo Esotérico ou os Mistérios Menores por Mrs. A. Besant.

Será iniciada a publicação desta obra monumental da ilustre Presidente da S. T. O Cristianismo Esotérico, só de per si, valoriza extraordinariamente a Isis e se muitos e poderosos motivos não justificassem a sua publicação, o vulgarizar essa obra fundamental, justificaria, de sobejo, o nosso empreendimento.

Glossario Teosofico.

De todos os teosofos é bem conhecida a falta de um bom glossario de termos teosoficos, hermetistas e esotericos. Será publicado as séries e por ordem alfabeticas. Contamos tambem com o concurso de todos os estudantes dedicados á causa teosofica.

De bom grado por tanto receberemos todos os elementos, impressos ou manuscritos para a tesaurização de termos, a que vamos dar começo.

Bibliografia

Consultorio Teosofico, etc., etc.

Nos Numeros seguintes d'A ISIS:

O Mitralismo e a Polimidade Cristã.

A Genese agiografica do Karais: Joana d'Arc e Wundt-Bloques.

O "Signum Salomonis".

A Alquimia.

A Obra Kabalistica de D. Francisco Manuel do Melo.

O Karma. (Síntese de afirmações clássicas).

A Fenomenologia Transcendental.

A Teoria do Renascimento através da Historia (Filosofia, Religões e Ciencia).

A Indução Electro-Magnetica dos Astros, etc., etc., etc.

LIVRARIA CLASSICA EDITORA de A. M. Teixeira

17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17
LISBOA

Coleção Teosófica e Esotérica

I—COMPENDIO DE TEOSOFIA, por C. W. Leadbeater. 1 vol.	\$100
II—IGREJAS DA TEOSOFIA, por Annie Besant. 1 vol.	\$60
III—CARIVIDENCIA, por C. W. Leadbeater. 1 vol.	\$150
IV—MUNDICIBES INVISIVEIS, por C. W. Leadbeater. 1 vol.	\$80
V—A VOZ DO SILENCIO. 1 vol.	\$50
VI—O MUNDO CUNTO, por R. P. Sinnett. 1 vol.	Exgotado
VII—BUDISMO ESOTERICO, por R. P. Sinnett. 1 vol.	\$150
VIII—GUZ SOBRE O CAMINHO E O KARMA. 1 vol.	\$50
IX—NO RECINTO EXTERNO. 1 vol.	\$100
X—CARTAS DO OUTRO MUNDO. 1 vol.	\$150

EM PREPARAÇÃO.
A SADEADORIA ANTIGA.

Biblioteca do Teosofista

I—O QUE É A TEOSOFIA, de Leadbeater. 1 vol.	\$50
II—A VIDA DEPOIS DA MORTE, do mesmo autor. 1 vol.	\$60
III—OS SETE PRINCIPIOS DO HOMEM, de Annie Besant, (1.º dos Sete Manuaes da Teosofia)	\$50
IV—REINCARNAÇÃO, de Annie Besant. 1 vol. (2.º dos Sete Manuaes da Teosofia)	\$50
V—KARMA, de Annie Besant. 1 vol. (3.º dos Sete Manuaes da Teosofia)	\$50
VI—MORTE ... E DEPOIS ?, de Annie Besant. 1 vol. (4.º dos Sete Manuaes da Teosofia)	\$60
VII—O PLANO ASTRAL, de Leadbeater. 1 vol. (5.º dos Sete Manuaes da Teosofia)	\$80
VIII—O PLANO MENTAL, de Leadbeater. 1 vol. (6.º dos Sete Manuaes da Teosofia)	\$80

EM PREPARAÇÃO. (Os restantes Manuaes da Teosofia).

O HOMEM E OS SEUS CORPOS.



F. SIMÃO PEREIRA

≡ALFAIATARIA≡

RUA EUGENIO DOS SANTOS, 99-1.º
LISBOA

—Especialidade em fardas para o
Corpo diplomatico, Consular e Aca-
demico. —

FAZENDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

PREÇOS MODICOS